



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA MULHER:
Uma perspectiva sistêmico-funcional

Mirna Cibelle Barcelos de Aguiar

Brasília, DF
2023

MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR

A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA MULHER:
Uma perspectiva sistêmico-funcional

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Edna Cristina Muniz da Silva

Brasília, DF
2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B1 Barcelos de Aguiar, Mirna Cibelle
A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA MULHER: Uma
perspectiva sistêmico-funcional / Mirna Cibelle Barcelos de
Aguiar; orientador Edna Cristina Muniz da Silva. --
Brasília, 2023.
119 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Linguística Sistêmico Funcional. 2. Análise do
Discurso. 3. Teoria de Representação dos Atores Sociais. 4.
Sistema de Transitividade. 5. Violência psicológica contra
mulher. I. Muniz da Silva, Edna Cristina , orient. II.
Título.

MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR

A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA MULHER:

Uma perspectiva sistêmico-funcional

Esta dissertação foi aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília.

Brasília, DF, 23 de novembro de 2023

Profa. Dra. Edna Cristina Muniz da Silva, (presidente)
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhaes (avaliadora interna)
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Sara Regina Scotta Cabral (avaliadora externa)
Universidade Federal de Santa Maria

Profa. Dra. Viviane Cristina Vieira (membro suplente)
Universidade de Brasília

Brasília, DF
2023

A Ana Clara Barcelos, minha irmã.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres que se voluntariaram em relatar o horror da violência misógina. Vocês não são vítimas de uma história triste, vocês são sobreviventes. Sem a sua coragem de confrontar seus próprios medos, de abrir novamente suas feridas e de resistir a uma sociedade que odeia mulheres, este trabalho jamais teria sido realizado.

À minha orientadora, Professora Dra. Edna Cristina Muniz da Silva, por me apresentar a Linguística Sistêmico-Funcional ainda na graduação, pelos ensinamentos, pela empatia e paciência com meus processos, pelo apoio e encorajamento em realizar este trabalho e por se engajar no meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Às minhas amigas e aliadas da Femizine, Nana e Perdita, pela confiança, pelas trocas, pela amizade, e por me chamarem para brigas. Vocês me inspiram mais que tudo!

Ao Doentio e ao Morto Apodrecido, pelas madrugadas entre tópicos de linguística, rock triste, risadas escandalosas, rock veloz e mais um pouco de linguística. Vocês me veem, vocês me ouvem. À Fer e ao Zé, pelo apoio moral na etapa final deste trabalho.

À minha avó, Francelina Leal dos Santos, que, nunca tendo frequentado uma escola, foi a primeira feminista que conheci na vida.

À minha mãe, Fabiana dos Santos Barcelos, que sempre me incentivou a buscar a mudança social, ainda que eu morra tentando e não viva para vê-la acontecer.

Aos meus colegas de pós-graduação, em especial à Annahiê Ribeiro, pelas trocas e pela parceria ao longo da minha jornada; ao Audiney e ao Vagner, pelo incentivo e contribuições.

Ao grupo de pesquisa SAL e ao GT da ANPOLL em Linguística Sistêmico-Funcional, por promoverem os Ciclos de Debates em LSF, que tanto contribuíram para a minha aprendizagem.

À Professora Dra. Sara Regina Scotta Cabral, que contribuiu com dicas valiosas para o desenvolvimento deste trabalho na minha qualificação.

À Dra. Fabíola Almeida, à Dra. Cristiane Fuzer, e, mais uma vez, à Dra. Sara Cabral pelas palestras e publicações que me guiaram em todo o percurso.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

“– Vamos... me ajude a descer. Devemos considerar nossa grande obra em todos os seus aspectos. Começemos pelas mulheres. Diga-me Netley... Você gosta delas?
– Mulheres? Nunca são demais, senhor.
– Não ‘você as deseja?’. Você gosta delas? Como gênero? O modo como pensam? As coisas que dizem? Você poderia, por exemplo, tolerar um mundo onde as mulheres governassem? Com homens presos a seus caprichos e regidos por seu desdém?
– Dito dessa maneira... não, senhor.”

Alan Moore (1991, cap. IV, p.7. “Do Inferno”)

RESUMO

A violência psicológica contra mulher pode ser invisível e silenciosa, não deixa marcas como a violência física, o que dificulta a sua correta identificação, seja por terceiros ou até mesmo pela própria vítima. A tipificação dessa categoria criminal ainda não é amplamente reconhecida entre as instituições policiais, além disso, há dificuldade na produção probatória, focalizando-se o depoimento de testemunhas. Reconhecendo a dificuldade enfrentada por profissionais que atuam na linha de frente, combatendo a violência psicológica contra mulher, e considerando um cenário hipotético, onde tudo que a vítima possui em sua defesa é a palavra, este estudo parte da seguinte questão: como a violência psicológica é materializada no discurso da vítima? O objetivo geral é apresentar a análise linguística como uma ferramenta auxiliar para investigação da violência psicológica contra mulheres, em processos de judicialização. Assim sendo, o objetivo específico consiste em analisar como potenciais vítimas representam a si mesmas e os agressores por meio da linguagem em relatos reais. Trata-se de pesquisa qualitativa. Os dados foram obtidos por meio de aplicação de questionário e entrevista narrativa em plataformas virtuais. Para a análise de dados, tomou-se como aporte teórico o Sistema de Transitividade da gramática Sistêmico-Funcional e a Teoria de Representação dos Atores Sociais, de Van Leeuwen. Os resultados apontaram categorias léxico-gramaticais, que podem rastrear, encobrir ou excluir atores envolvidos na prática social representada pela linguagem. Concluiu-se que a análise linguística se mostrou um instrumento com potencial para a investigação da construção de significados ideacionais e interpessoais, para organizar o fluxo de informação e acontecimentos, rastrear a exclusão ou o encobrimento de atores envolvidos nas práticas sociais representadas por meio da linguagem.

Palavras-chave: Violência Psicológica. Representação. Sistema de transitividade.

ABSTRACT

Psychological violence against women can be invisible and silent, it does not leave marks like physical violence, which makes it difficult to correctly identify, either by third parties or even by the victim herself. The typification of this criminal category is not yet widely recognized by police institutions, moreover, there is difficulty in producing evidence, focusing on witness testimony. Recognizing the difficulty faced by professionals who work on the front line, fighting psychological violence against women, and considering a hypothetical scenario, where all the victim has in her defense is the word, this study starts from the following question: how is psychological violence materialized in the victim's discourse? The general objective is to present linguistic analysis as an auxiliary tool for investigating psychological violence against women, in judicialization processes. Thus, one of the specific objectives is to analyze how potential victims represent themselves and the aggressors through language in real reports; and the other is based on understanding what these representations tell us, considering the participants as social actors, who through discourse act by being, doing or meaning the reality in which they are inserted. This is qualitative research. The data were obtained through the application of a questionnaire and a narrative interview on virtual platforms. For data analysis, we took as theoretical contribution the System of Transitivity of Systemic-Functional grammar and the Theory of Representation of Social Actors, by Van Leeuwen. The results indicated lexicon-grammatical categories that can track, conceal or exclude actors involved in the social practice represented by language. It was concluded that linguistic analysis proved to be an instrument with potential for investigating the construction of ideational and interpersonal meanings, to organize the flow of information and events, track the exclusion or concealment of actors involved in social practices represented by language.

Keywords: Psychological Violence. Representation. System of transitivity.

RÉSUMÉ

La violence psychologique contre les femmes peut être invisible et silencieuse, elle ne laisse pas de traces comme la violence physique, ce qui rend difficile son identification correcte, que ce soit par des tiers ou même par la victime elle-même. La qualification de cette catégorie criminelle n'est pas encore largement reconnue par les institutions policières, de plus, il y a une difficulté dans la production de preuves, en se concentrant sur le témoignage des témoins. Reconnaisant la difficulté à laquelle sont confrontés les professionnels qui travaillent en première ligne, combattant la violence psychologique contre les femmes, et en considérant un scénario hypothétique, où tout ce que la victime a pour se défendre est la parole, cette étude part de la question suivante : comment la violence psychologique se matérialise-t-elle dans le discours de la victime ? L'objectif général est de présenter l'analyse linguistique comme un outil auxiliaire pour l'investigation de la violence psychologique contre les femmes, dans les processus de judiciarisation. Ainsi, l'objectif spécifique consiste à analyser comment les victimes potentielles se représentent elles-mêmes et les agresseurs à travers le langage dans des récits réels; et l'autre se base sur la compréhension de ce que ces représentations nous disent, en considérant les participants comme des acteurs sociaux, qui par le discours agissent en étant, en faisant ou en signifiant la réalité dans laquelle ils sont insérés. Il s'agit d'une recherche qualitative. Les données ont été obtenues par l'application d'un questionnaire et d'une entrevue narrative sur des plateformes virtuelles. Pour l'analyse des données, on a pris comme apport théorique le Système de Transitivité de la grammaire Systémique-Fonctionnelle et la Théorie de Représentation des Acteurs Sociaux, de Van Leeuwen. Les résultats ont indiqué des catégories lexico-grammaticales qui peuvent tracer, dissimuler ou exclure les acteurs impliqués dans la pratique sociale représentée par le langage. On a conclu que l'analyse linguistique s'est révélée être un instrument avec un potentiel pour l'investigation de la construction de significations idéationnelles et interpersonnelles, pour organiser le flux d'information et d'événements, tracer l'exclusion ou la dissimulation des acteurs impliqués dans les pratiques sociales représentées par le langage.

Mots-clés: Violence Psychologique. Représentation. Système de transitivité.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - ESTRATOS DA ANÁLISE DISCURSIVA	20
FIGURA 2 - TIPOS DE PROCESSOS	22
FIGURA 3 - TIPOS DE PROCESSOS	33
FIGURA 4 - TIPOS DE PROCESSOS	37
FIGURA 5 - TIPOS DE PROCESSOS	44
FIGURA 6 - TIPOS DE PROCESSOS	50
FIGURA 7 - TIPOS DE PROCESSOS	55
FIGURA 8 - TIPOS DE PROCESSOS	62
FIGURA 9 - TIPOS DE PROCESSOS	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sistemas Discursivos	20
Tabela 2 – Representação da experiência externa: processos materiais	32
Tabela 3 – Representação da experiência interna: processos mentais	33
Tabela 4 – Representação das relações: processo relacionais	33
Tabela 5 – Representação dos dizeres: processos verbais	34
Tabela 6 – Representação da experiência externa: processos materiais	37
Tabela 7 – Representação da experiência interna: processos mentais	38
Tabela 8 – Representação das relações: processos relacionais	38
Tabela 9 – Representação da experiencia externa: processos materiais	44
Tabela 10 – Representação das relações: processos relacionais	45
Tabela 11 – Representação da experiencia interna: processos mentais	46
Tabela 12 – Representação dos dizeres: processos verbais	47
Tabela 13 – Representação de comportamentos – processos comportamentais	48
Tabela 14 – Representação da experiência externa: processos materiais	50
Tabela 15 – Representação da experiencia interna: processos mentais	51
Tabela 16 – Representação da experiência dos dizeres: processos verbais	51
Tabela 17 – Representação da experiencia externa: processos materiais	56
Tabela 18 – Representação das relações – processos relacionais	56
Tabela 19 – Representação da experiência interna: processos mentais	57
Tabela 20 – Representação das relações: processos relacionais	63
Tabela 21 – Representação da experiência externa: processos materiais	64
Tabela 22 – Representação da experiência interna – processos mentais	70
Tabela 23 – Representação da experiência externa: processos materiais	71
Tabela 24 – Representação das relações – processos relacionais	85
Tabela 25 – Representação da experiência interna – processos mentais	90
Tabela 26 – Reprerentação do dizer – processos verbais	93
Tabela 27 – Representações do patriarcado nos discurso das potenciais vítima	94

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Tipos de processos e respectivos participantes	22
QUADRO 2 - Ao interagir no ciberespaço	30
QUADRO 3 - Ao trabalhar	35
QUADRO 4 - Ao frequentar a escola	39
QUADRO 5 – Ao participar de ciclos sociais	47
QUADRO 6 - Ao maternar	51
QUADRO 7 - Ao se casar	57
QUADRO 8 - 66	66

LISTA DE SIGLAS

Nº.	Número
ART.	Artigo
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
P.	Página
GSF	Gramática Sistemico-Funcional
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	165
2. REVISÃO DA LITERATURA	198
2.1. A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	18
2.3. O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE	21
2.4. A TEORIA DE REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS	23
2.5. O CONTEXTO CULTURAL BRASILEIRO	25
3. METODOLOGIA.....	287
4. ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1. O PERFIL DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	29
4.2. RECONTEXTUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.....	30
5. DISCUSSÃO	9998
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	1032
REFERÊNCIAS	1057
APÊNDICE	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.9
APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	1079
APÊNDICE B — PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS	108
APÊNDICE C — QUESTIONÁRIO APLICADO VIA GOOGLE FORMS	114
APÊNDICE D — PERGUNTAS DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	115
ANEXOS	1136
ANEXO A — RELATOS DE VIVÊNCIAS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.116

1. INTRODUÇÃO

No dia 29 de julho de 2021 criou-se, no Brasil, uma nova categoria criminal a partir da Lei Nº 14.188, que alterou o Código Penal (Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940) e a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006): a violência psicológica contra a mulher. O Art. 147, do Código Penal, descreve a prática criminosa com a seguinte redação:

Causar dano emocional à mulher que a prejudique e perturbe seu pleno desenvolvimento ou que vise a degradar ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, chantagem, ridicularização, limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à sua saúde psicológica e autodeterminação. Art.147 – B, Decreto-Lei nº 2.848, de dezembro de 1940)

O referido documento ainda determina uma pena de reclusão que pode variar de seis meses a dois anos, e multa, caso a conduta não constitua crime grave. Além disso, a Lei Maria da Penha passou a incluir, em seu Artigo 5º, medida protetiva para a mulher vítima de violência psicológica, afastando, imediatamente, o agressor de sua convivência (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006). Apesar de essas medidas representarem um grande avanço na promoção de direitos das mulheres, conquistados por meio de importantes lutas históricas, deve-se questionar se elas cumprem o seu objetivo de forma eficaz, fazendo-se necessário verificar como profissionais que atuam no âmbito do direito penal estão sendo preparados para lidar com tais demandas.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, “ao menos uma pessoa ligou, por minuto, em 2021, para o 190 denunciando agressões decorrentes da violência doméstica” (MARTINS, LAGRECA E BUENO, 2022). O mesmo documento informa que, no ano de 2021, foram registrados 1.341 feminicídios, e entre os homicídios dolosos, a proporção de feminicídios foi de 34,6%. No que se refere à violência psicológica, 8.390 casos foram registrados no mesmo ano, porém o Anuário acrescenta que a correta tipificação da nova categoria criminal ainda não é amplamente reconhecida.

A correta tipificação do crime enquanto tal ainda está em processo de aprendizagem pelas instituições policiais, e o conhecimento da possibilidade de realizar denúncias nas delegacias ainda não é de conhecimento amplo das vítimas.” (MARTINS, LAGRECA E BUENO, 2022)

Uma reportagem divulgada na revista de jornalismo científico “ComCiência”, em 2017, já apontava que “a violência psicológica pode ser tão sutil que dificulta sua correta identificação. Muitas vezes, não deixa marcas visíveis, como a violência física” (DRUMMOND E BERGAMINI, 2017). Em 2018, Echeverria realizou um estudo sobre a percepção de estudantes de Direito a respeito da violência psicológica contra mulher. Os resultados apontam que, entre 46 participantes oriundos de 4 universidades brasileiras, 12 não souberam descrever o que é a violência psicológica. Os demais citaram comportamentos característicos, mas a maioria não soube tipificá-la, à época referenciada pela Lei Maria da Penha (ECHEVERRIA, 2018). Não foram localizados estudos semelhantes após a criação da Lei Nº 14.188 de 2021.

Um estudo realizado por Osaiki, em 2021, sobre a nova Lei 14.188, descreve a produção probatória da violência psicológica contra a mulher e aponta quatro ferramentas utilizadas no processo, sendo elas: depoimento da vítima, depoimento de testemunhas, relatórios psicológicos e atendimentos médicos. Apesar de Osaiki (2021) lançar um alerta para a não revitimização, ele aponta o depoimento de testemunhas como peça fundamental para produção probatória, uma vez que “a violência psicológica deixa sequelas graves quanto às demais, e a mulher que é vítima sempre permanece em estado de alerta, sendo fundamentais provas testemunhais de quem convive com o casal” (OSAIKI, 2021). Não seria essa abordagem, atualmente adotada na produção probatória, uma forma de desqualificar o depoimento da vítima simplesmente por ser mulher, em uma estrutura social constituída exatamente a partir da violência patriarcal? Partindo de um cenário hipotético, onde tudo que a mulher possui em sua defesa é a palavra, esse processo de produção probatória torna-se problemático, uma vez que não é centrado na experiência da própria vítima, mas em testemunhas.

Em uma sociedade que naturaliza a violência contra mulher, o depoimento de testemunhas deve ser utilizado como instrumento complementar, principalmente se a sutileza dessa categoria de violência for considerada. Já no âmbito da saúde, pode-se considerar que a violência contra a mulher é epidêmica e deve ser tratada pelas autoridades como tal. Um estudo publicado pelo Ministério da Saúde, ainda em 2005, avaliou o impacto da violência na saúde dos brasileiros e já considerava que a situação das mulheres constitui questão de saúde pública.

A violência contra a mulher constitui uma questão de saúde pública, além de ser uma violação explícita dos direitos humanos. Estima-se que esse problema cause mais mortes às mulheres de 15 a 44 anos que o câncer, a malária, os acidentes de trânsito e as guerras. Suas várias formas de opressão, de dominação e de crueldade incluem

assassinatos, estupros, abusos físicos, sexuais e emocionais, prostituição forçada, mutilação genital, violência racial e outras. (GOMES, MINAYO e SILVA, 2005)

A crise apontada há 18 anos ainda é uma realidade que se reflete nos dados atuais. Nem sempre os relatórios psicológicos e médicos são possíveis ou estão acessíveis às mulheres. Uma matéria publicada pelo Instituto Cactus, entidade filantrópica voltada à promoção de saúde mental no Brasil, aborda dados estatísticos relacionados à saúde da mulher, e no que se refere aos cuidados para a vítima de violência, explica:

A falta de compreensão e a fragmentação nos serviços de saúde é um desafio importante nos cuidados em saúde mental das mulheres. Os profissionais admitem que nos atendimentos, no geral, as mulheres se calam sobre a violência de gênero, ao mesmo tempo em que intensificam a procura por serviços de saúde, sendo estereotipadas como “poliqueixosas”. (INSTITUTO CACTUS, 2022)

Nesse sentido, comprovar a extensão da violência psicológica, ou mesmo a sua simples ocorrência, constitui um desafio para a judicialização dessa categoria criminal. Três das quatro ferramentas apresentadas nem sempre estarão disponíveis aos profissionais envolvidos no processo. Reconhecendo as dificuldades referidas, restam as seguintes indagações: Como a violência psicológica é materializada pela linguagem? É possível preencher essa lacuna da prova criminal? Proponho, a partir deste estudo, investigar como mulheres representam a experiência da violência psicológica discursivamente.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. A Linguística Sistêmico-Funcional

À luz da Linguística Sistêmico-Funcional, a língua é um fenômeno social e manifesta a cultura de um povo. Esse entendimento parte de um antropólogo do século XX chamado Bronislaw Malinowski (1884-1932), que influenciou o linguista John Rupert Firth (1890-1960) nas primeiras sistematizações sob esse viés (FUZER E CABRAL, 2014). Halliday (1985), dando continuidade ao trabalho de Firth, que fora seu professor, reuniu as sistematizações das categorias léxico-gramaticais em *An Introduction to Functional Grammar (1985)*, com base na funcionalidade de cada uma delas, partindo do pressuposto de que a língua se estrutura por meio de uma gramática que é vinculada a um contexto de situação e a um contexto de cultura.

Com inúmeras possibilidades de aplicação, que perpassam campos como o jurídico, a educação, as neurociências e outros diversos âmbitos que envolvem a comunicação humana, a Linguística Sistêmico-Funcional se popularizou e está difundida em vários centros de pesquisa pelo mundo. As linguistas brasileiras, Cristiane Fuzer e Sara Cabral, explicam:

Ela (a linguística sistêmico-funcional) é sistêmica porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. Cada sistema é um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas e grafológicas. É funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao seu significado, às funções que a linguagem desempenha em textos. (2014, p.19)

Assim, na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, os usos da língua estão baseados nas necessidades da vida em sociedade. Ao utilizar a língua, recorreremos às possibilidades oferecidas pelo sistema linguístico e assim fazemos escolhas que estão relacionadas ao contexto da situação de comunicação (HALLIDAY, 1994).

Os significados de uma língua são realizados pela léxico-gramática, que abrange itens lexicais e gramaticais, constituindo a semântica. O ordenamento da léxico-gramática, assim como os padrões e parte dos fenômenos de uma língua, ocorrem por meio de fraseamentos, que constituem os textos. As possibilidades para essas construções são selecionadas conforme demanda o contexto de situação, que está inserido em um contexto sociocultural. Dessa forma,

por meio da linguagem as pessoas desempenham papéis sociais, agindo sobre o mundo e sobre os outros, dando, trocando ou solicitando bens, serviços e informações.

Compreendendo que o uso da língua está submetido a variáveis sociais, Halliday (1994) categorizou as funções da língua utilizando uma metalinguagem para descrever os significados que são construídos quando usamos a língua para representar a experiência, para interagirmos uns com os outros e para criar textos. A metafunção ideacional corresponde à variável de contexto de assunto ou natureza da ação discursiva, a metafunção interpessoal está relacionada à variável de contexto de relações entre as pessoas e seus papéis sociais; por último, a metafunção textual dá conta da variável de contexto daquilo que interlocutores podem esperar da ação discursiva em termos de organização textual e retórica. Essas variáveis são aplicadas e modificadas de acordo com o contexto de situação, deixando transparecer aspectos socioculturais na estrutura do texto. Retomando Fuzer e Cabral,

As três metafunções da linguagem definem a oração como uma unidade gramatical plurifuncional: é organizada de acordo com os significados ideacionais, interpessoais e textuais (estrato semântico), em que a oração é vista como uma composição – oração como representação, oração como interação e oração como mensagem. Cada metafunção é realizada por um sistema próprio no estrato léxico-gramatical.” (2014, p.32).

A abordagem sistêmico-funcional propõe uma análise linguística focada no uso da língua, ou seja, nas interações entre as pessoas. Para isso, é necessário observar, além de uma estrutura léxico-gramatical, os dados socioculturais que contextualizam o campo da ação discursiva, os papéis sociais dos interlocutores e as relações que estabelecem entre si, e a própria organização textual, a fim de compreender efetivamente a linguagem sobre uma dada realidade de comunicação.

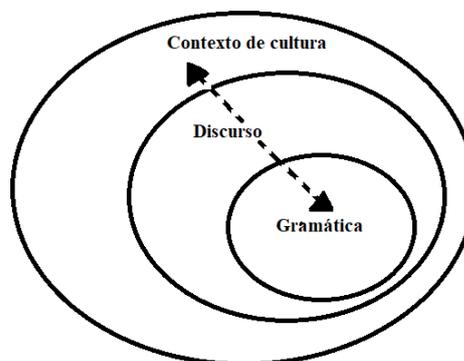
2.2. Os sistemas discursivos

Em “Working With Discourse: meaning beyond the clause” (2007), Martin e Rose ilustram a análise do discurso metodologicamente baseada na LSF, propondo seis ferramentas analíticas do que denominam “Sistemas Discursivos”. Esses sistemas correspondem a Avaliatividade, Ideação, Conjunção, Identificação, Periodicidade e Negociação.

Para a LSF, a análise linguística se dá a partir de estratos, e no caso da análise do discurso, consideram-se os estratos da gramática, do discurso e do contexto de cultura. A

gramática é compreendida como a léxico-gramática realizada por meio de orações que formam textos. Já o discurso é a realização da linguagem a partir de textos, que finalmente manifestam o contexto de cultura.

Figura 1- Estratos da análise discursiva:



Fonte: elaborado pela autora, com base em Martin e Rose (2007).

Assim sendo, para a LSF, análise discursiva demanda um olhar gramatical que apure e identifique como as regras dos sistemas linguísticos são aplicadas para formar um dado significado; e um olhar sociológico para explicar como é possível que os significados realizados detenham a significância que lhes cabe em dada cultura. Martin e Rose (2007) explicam que cada texto é produzido na interação entre falantes ou entre escritores e leitores, ou ainda potenciais leitores. Assim, é possível utilizar textos para interpretar as interações que manifestam, e pelas interações o analista do discurso atingirá aspectos culturais, uma vez que “o significado social transcende o significado individual dos textos, através dos quais é negociado” (Martin e Rose, 2007, p. 7. tradução minha¹).

Para tanto, os sistemas discursivos apontados por Martin e Rose (2007), constituem ferramentas analíticas básicas que perpassam as três metafunções da linguagem e dão conta: (i) das avaliações; (ii) dos processos realizados e como são categorizados os participantes envolvidos; (iii) das interconexões entre processos, reformulando-as, adicionando-as, explicando-as; (iv) da identificação, ou seja, o rastreio de participantes, (v) da periodicidade, o ritmo do discurso e as camadas que sinalizam o que está por vir, ou camadas que acumulam significados e, por fim, (vi) da negociação, que é a troca entre os falantes, como adotam ou atribuem papéis uns aos outros.

A tabela abaixo caracteriza os sistemas discursivos e aponta as respectivas metafunções:

¹ No original: The social meaning transcends the meaning of the individual texts through which it is negotiated.

Tabela 1 – Sistemas Discursivos

Sistema Discursivo	Metafunção
Avaliatividade	Interpessoal
Ideação	Ideacional
Conjunção	Ideacional
Identificação	Textual
Periodicidade	Textual
Negociação	Interpessoal

Fonte: elaborado pela autora

Neste trabalho, focaremos o sistema discursivo da Ideação, a fim de compreendermos a representação da experiência da violência psicológica contra mulheres.

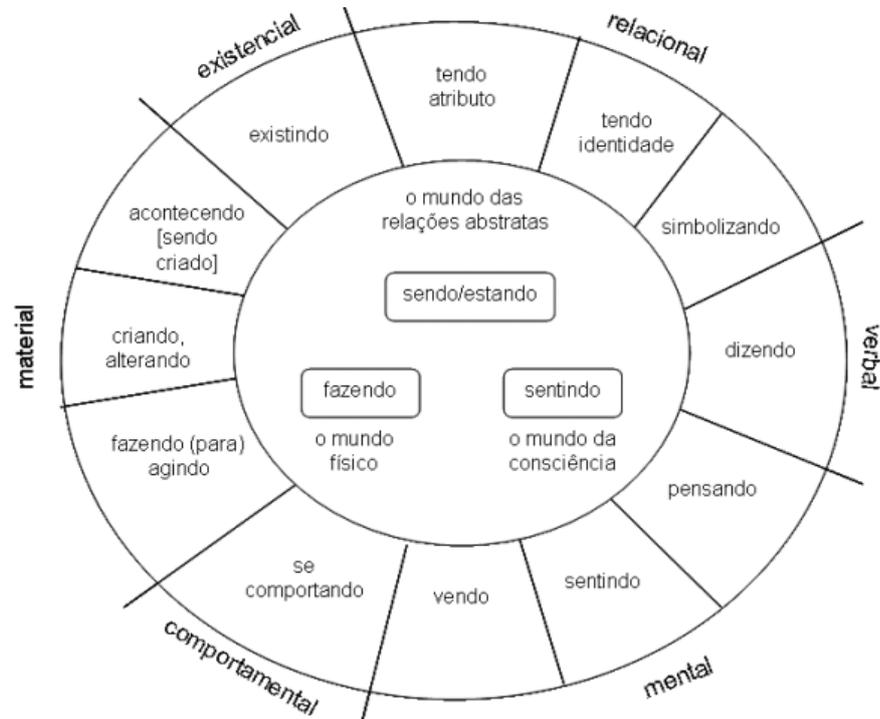
2.3. O Sistema de Transitividade

O Sistema de transitividade é o principal sistema da metafunção ideacional e dá conta da representação da experiência. Esse sistema descreve toda a oração, compreendendo processos, participantes e circunstâncias. Para Halliday (2014, p. 213), a experiência consiste em um fluxo de eventos ou acontecimentos que formam figuras. Cada figura corresponde a um recorte de experiência de fazer, acontecer, pensar, sentir, ver, ser, ter, dizer, existir e comportar-se. Por isso, o processo é o elemento central da oração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.

Todas as figuras consistem em um processo que se desenrola ao longo do tempo e em que os participantes estão diretamente envolvidos de alguma forma; além disso pode haver circunstâncias de tempo, espaço, causa, maneira entre outros tipos. (Halliday, 2014, p. 213. tradução minha²).

Nesse sentido, os processos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) são mentais, verbais, relacionais, existenciais, materiais e comportamentais. Halliday elaborou um diagrama que determina os tipos de processos como primários ou secundários, compreendendo que, metaforicamente, esses processos não são “ilhas isoladas umas das outras”, mas figuras que dão uma continuidade semântica entre si (HALLIDAY, 2014, p. 216).

² All figures consist of a process unfolding through time and of participants being directly involved in this process in some way; and in addition there may be circumstances of time, space, cause, manner or one of a few other types.

Figura 2 – Tipos de Processos

Fonte: Heberle, M. V. 2018, (com base em Halliday E Matthiessen, 2004: 172 e Halliday E Matthiessen, 2014: 216, também em Cunha E Souza, 2007: 55)

Junto aos processos, as orações apresentam participantes e eventualmente circunstâncias. Os participantes recebem rótulos funcionais de acordo com o processo ao qual estão relacionados dentro da oração. O quadro abaixo, organizado por Fuzer e Cabral (2014, p. 81), detalha os tipos de processos e seus respectivos participantes, em língua portuguesa.

QUADRO 1 - Tipos de processos e respectivos participantes.

Tipos de processos	Significado da categoria	Participantes	Exemplos de verbos
Material Transformativo Criativo	fazer acontecer	Ator Meta Escopo Beneficiário (Recebedor, Cliente) Atributo	comprar, vender, mexer, pintar, cortar, quebrar, riscar, limpar, sujar, bater, matar, construir, pintar...
Mental Perceptivo Cognitivo Emotivo	perceber pensar sentir desejar	Experienciador Fenômeno	perceber, ver, ouvir, lembrar, esquecer, pensar, saber, gostar, odiar, amar, querer...

Desiderativo			
Relacional	caracterizar	Portador	ser (otimista)
Intensivo	identificar	Atributo	ser (o presidente)
Possessivo		Identificado	estar (em paz)
Circunstancial		Identificador	ter (livros)...
Comportamental	comportar-se	Comportante Comportamento	rir, chorar, dormir, cantar, dançar, bocejar...
Verbal	dizer	Dizente	dizer, perguntar, responder, contar, relatar,
Atividade		Verbiagem	explicar...
Semiose		Receptor Alvo	
Existencial	existir	Existente	haver, existir, acontecer...

Fonte: FUZER & CABARAL, 2014, p.81

Retomando o princípio de escolha no contexto de situação da seção anterior, o sistema de transitividade da GSF oferece o arcabouço teórico para compreender como a experiência é representada, de forma contextualizada, considerando todos os elementos instanciados na oração: processos, participantes e circunstâncias.

2.4. A Teoria de Representação de Atores Sociais

Theo Van Leeuwen (2008) propõe um sistema de análise da representação dos atores e das práticas sociais no discurso, baseado nos pressupostos da LSF, em “Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis”. Partindo das perguntas “como os atores sociais podem ser representados no discurso?” e “como as práticas sociais podem ser representadas no discurso?” – o autor desenvolve categorias para descrever as inúmeras formas em que tais representações podem ocorrer.

Primeiro, em relação à representação dos atores sociais, Van Leeuwen explica a representação em termos de inclusão, exclusão ou modificação de indivíduos e grupos. Descreve a categoria Exclusão como forma de omitir, ou colocar em segundo plano os participantes em um dado discurso. Depois, apresenta a categoria de Alocação de Funções, na qual os participantes são representados como “agentes” ou “pacientes” em determinada estrutura gramatical. Generalização e Especificação também são formas de representar os atores sociais, no sentido em que podem ser expressos como uma classe, um grupo, ou como indivíduos específicos. A Assimilação, a Associação e a Dissociação são maneiras de representar os atores sociais como pertencentes ou não a grupos e classes específicos. Há ainda

categorias como Nomeação e Categorização, Funcionalidade e Identificação, Personalização e Impersonalização, ou até Sobredeterminação, que vão auxiliar o analista do discurso a identificar como e o porquê as representações são realizadas.

A representação de práticas sociais por meio de processos configura uma forma de analisar como as ações e interações que caracterizam uma determinada sociedade ou cultura são recontextualizadas no discurso. As práticas sociais são compostas por atores sociais, por espaço, tempo, ações e estilos de performance. Nesse sentido, Van Leeuwen (2008) aponta a importância da categoria Reação, instanciada na forma gramatical, que dá conta das reações de participantes diante dos discursos, a depender do tipo de processo selecionado pelo falante, e como essa realização implica no contexto de situação desencadeando outro fluxo de eventos. Trata também da diferenciação entre Ação Material e Semiótica, em outras palavras, as ações que têm um propósito material e as que “semiotizam”, ou possuem o propósito de significar apenas. Van Leeuwen descreve também as categorias de Objetivação e Descritivização, que avaliam quando um processo é representado de forma dinâmica ou estática no tempo e espaço. A categoria de Desagencialização demonstra como um processo pode ser provocado pela ação humana ou provocado de outras maneiras. Há as categorias como Generalização e Abstração sobre processos, que variam em diferentes graus de acordo com a representação. E, por fim, a Sobredeterminação, quando há mais de uma prática social vinculada a um mesmo ator social.

As categorias analíticas apresentadas pelo autor são apropriadas para a realização de uma análise do discurso crítica como a que este estudo propõe, aliada ao Sistema de Transitividade da GSF. Nesse sentido, compreender de que forma mulheres representam léxico-gramatical e discursivamente a violência psicológica é de suma importância. Neste estudo focalizarei a análise da representação dos atores sociais.

2.5. O contexto cultural brasileiro

A teoria Sistêmico-Funcional está diretamente relacionada com o contexto de cultura em que se dá a comunicação humana. Para compreender a materialização da violência psicológica no discurso das vítimas, faz-se necessária uma visita ao debate sociológico em relação ao lugar da mulher na cultura brasileira.

Daniela Rezende (2015), em um ensaio crítico, discute a relação entre patriarcado e a formação do Brasil. A autora se apoia em teorias feministas e estende discussões iniciadas por Sérgio Buarque de Holanda e Oliveira Viana para as relações de poder entre os gêneros.

Em um primeiro momento, Rezende explica o conceito de dominação como “um caso especial de poder, caracterizado pela ‘possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria’ (2015), para então adentrar à questão do patriarcado propriamente dito, que caracteriza como

o estabelecimento de vínculos pessoais entre o senhor, os demais membros da família e os servos, e tem como fundamento a autoridade do chefe da família ou comunidade doméstica. Essa autoridade se baseia na tradição, ou seja, “na crença da inviolabilidade daquilo que foi assim desde sempre” (WEBER, 1991, p. 234), e no arbítrio pessoal do senhor, sempre limitado pelas normas “sagradas pela tradição”. (REZENDE, 2015).

Assim, Rezende estabelece um retrato da família patriarcal, na qual a mulher ocupa a posição de “submissão à autoridade doméstica, à superioridade da norma e da energia física e psíquica do homem”, que tradicionalmente assume a posição de autoridade patriarcal.

No contexto brasileiro, a autora referencia Sérgio Buarque de Holanda (1936) e Oliveira Viana (1928), que confluem para o entendimento de que no Brasil colonial, quando as terras foram distribuídas por sesmarias, os latifúndios e a predominância rural, aliados a uma economia independente, propiciaram o desenvolvimento de relações patriarcais, que compreendiam as famílias senhoriais, os agregados e os escravos. Essa configuração dificultou a formação de classes e a formação urbana. Na vida colonial, a autoridade pública cabia também à autoridade privada, ao patriarca, aquele que detinha o direito da propriedade (REZENDE, 2015). Caberia então a esta figura a determinação de valores sociais.

O chefe de família, o pai ou marido, se apresenta como detentor do poder e sua autoridade é legitimada pelo costume, pela tradição, e sua função é manter a paz, a estabilidade e a ordem. Todos os demais membros da família ou agregados se subordinam a tal poder e a existência deles gira em torno do serviço ao senhor.” (REZENDE, 2015)

Com a coroa enfraquecida na vida política brasileira, que era constituída por “clãs familiares”, surge a idealização da independência e a criação de um Estado liberal por parte de intelectuais inspirados na sociedade europeia, por meio das revoluções meridionais. Diante disso, a construção da nação brasileira demandava o fim da estrutura patriarcal de organização social que influenciava na vida política.

Todavia, a superação do modelo patriarcal político não foi o suficiente para romper com a hierarquia do homem sobre a mulher, uma vez que a vida pública não contava, inicialmente, com a participação das mulheres. Além disso, a dominação no contexto de família, no âmbito privado, não fora afetada pela quebra de paradigmas da criação de um Estado.

Desde o período colonial, a forma de organização predominante seriam as chamadas “associações primárias”, baseadas em laços de sangue, em detrimento das “associações secundárias”, baseadas na solidariedade com “estranhos”, que compartilham uma identidade mais ampla, como a nacionalidade, por exemplo. (REZENDE, 2015).

Rezende (2005) explica que o liberalismo é estruturado pelo patriarcado e recorre à teoria feminista de Pateman (2013) para explicar que a lógica individual e igualitária obscurece as relações de poder de homens sobre mulheres. E em termos de organização social, apesar de antagônicos, o patriarcado e o Estado liberal se completam, favorecendo uma classe de “homens, brancos, europeus, do sexo masculino”.

A autora explica que a teoria feminista permite analisar o patriarcado não como um conceito de dominação tradicional, historicamente datada, mas como um sistema que se atualiza em relação ao liberalismo, ao capitalismo ou ao Estado de bem-estar. Em vez de promover a igualdade entre os indivíduos a partir da lógica do mercado, promove ainda mais desigualdade quando desconsidera hierarquias sociais enraizadas na cultura brasileira, incluindo a dominação masculina que transcende a vida privada e atinge a vida pública, na qual mulheres são dominadas coletivamente enquanto gênero, em espaços sociais que sempre lhes foram negados, como o trabalho, a política, a ciência etc.

Posteriormente, a implantação do Estado liberal implicou a participação das mulheres na vida pública como trabalhadoras e consumidoras. A elas foi permitida a educação, e os movimentos feministas reivindicaram a participação política e a promoção de igualdade entre os gêneros no século XX. Porém, essa raiz patriarcal não deixou de ser o centro da nossa organização social.

Rezende explica as atualizações do patriarcado da seguinte forma:

Há seis diferentes formas de patriarcado, todas elas dependentes da interação entre seis estruturas patriarcais, quais sejam: o modo de produção patriarcal, as relações patriarcais de trabalho remunerado, as relações patriarcais no Estado, a violência masculina, relações patriarcais de sexualidade e relações patriarcais na cultura,

expressas, por exemplo, pela religião e educação e pelos meios de comunicação.
(2015)

Essas formas de opressão se interrelacionam e estão dispersas na cultura brasileira, manifestando-se de forma inconsciente nas relações sociais ou em nome da “tradição” através das instituições que regulam as normas sociais (REZENDE, 2015). Diante disso, pode-se afirmar que o pensamento social brasileiro mantém a lógica patriarcal estabelecendo um lugar de submissão para a mulher brasileira, que pode ser constatado por meio de observação das práticas sociais.

3. METODOLOGIA

Tendo constatado a necessidade de facilitar o processo de judicialização da violência psicológica contra mulheres, uma vez que há dificuldades de produção probatória, uma vez que esta categoria de violência não deixa marcas e provas materiais, este estudo parte da seguinte questão: como a violência psicológica é materializada no discurso da vítima?

Considerando um cenário hipotético em que tudo que a mulher possui em sua defesa é a palavra, tomo como objetivo geral apresentar a análise linguística como uma ferramenta auxiliar para investigação da violência psicológica contra mulheres, em processos de judicialização.

Assim sendo, o objetivo específico foi investigar se a análise linguística tem potencial para produção probatória em relatos de violência psicológica. Para isso, analiso o sistema de transitividade, ou seja, como processos são realizados e como são categorizados os participantes envolvidos, a fim de compreender como a experiência é materializada na linguagem, uma vez que “há diferença entre aquilo que experienciamos agindo no mundo exterior e no mundo da nossa consciência, incluindo percepção, emoção e imaginação” (FUZER e CABRAL, 2014). Convém, portanto, entender como a fragmentação de figuras, que representam processos se desencadeando numa linha do tempo, em narrativas de violência psicológica, permite analisar a construção da representação desse tipo de violência discursivamente. Por fim, entender os participantes enquanto atores sociais que, por meio do discurso, são incluídos, excluídos e modificados no contexto específico da violência psicológica contra a mulher é de suma

importância na análise discursiva, para esse fim, recorro ao sistema de Representação dos Atores Sociais, de Van Leeuwen (2008).

Trata-se de pesquisa qualitativa sobre a análise linguística em relatos reais de mulheres que se consideram potenciais vítimas de violência psicológica. A pesquisa qualitativa foca o aprofundamento na compreensão de significados para explicar fenômenos em grupos sociais ou organizações, por isso, dispensa a análise de grande número de dados, como é próprio da pesquisa quantitativa. Para Silveira e Córdova, “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (2009).

Para constituição de um *corpus*, optei por selecionar voluntárias oriundas de contextos sociais diversos no Brasil. Essa escolha partiu da necessidade de compreender a violência contra a mulher em uma estrutura social constituída por raízes patriarcais, como sustentado no capítulo teórico, tomando como aporte o trabalho de Rezende (2015). Assim sendo, adotei aplicação de questionário para selecionar os perfis das participantes, e entrevista narrativa como método de coleta de dados. Pachá e Moreira explicam que a entrevista narrativa, enquanto técnica de pesquisa, possibilita a abordagem de várias nuances que compõe o objeto em estudo, permitindo também ao indivíduo “olhar de maneira distinta a sua realidade e reconfigurar sua prática” (2022). Esse processo foi realizado em duas etapas.

A primeira etapa consistiu em aplicação de questionário via formulário na plataforma Google Forms, cujo link de acesso foi divulgado na rede social Instagram, através de postagem patrocinada pelo perfil do coletivo brasileiro Femizine (@femi_zine), que divulga direitos das mulheres a partir de zines e outras linguagens artísticas, tendo 213 seguidores. A página do coletivo foi cedida pelas administradoras, a fim de engajar o link do formulário. A postagem foi impulsionada pela quantia de R\$ 50,00, pelo prazo de sete dias, e obteve uma visibilidade de 9.500 mulheres, abrangendo as cinco regiões do Brasil e diversas faixas etárias, a partir de 18 anos. A segunda etapa consistiu em estabelecer um contato direto com as mulheres para coleta dos relatos, por e-mail na modalidade escrita, ou por WhatsApp por meio de áudios.

Todo o processo de coleta de dados ocorreu entre os meses de março e junho de 2022. As mulheres que participaram deste estudo foram voluntárias e optaram por responder ao formulário espontaneamente; a todas elas foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília sob o parecer substanciado nº 5.328.124, 2022.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. O perfil da violência psicológica

Na primeira etapa, a coleta de dados abrangeu 16 estados nas 5 regiões do Brasil, sendo eles Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, Tocantins e Amazonas. O formulário obteve 199 respostas e serviu para descrever o perfil das potenciais participantes.

As idades variaram entre 18 e 73 anos. As profissões são diversas e abrangem mais de 25 categorias, entre trabalhadora rural, arquiteta, empregada doméstica, professora, atriz, modelo, advogada, assessora parlamentar, pesquisadora, empresária, motogirl, bombeira civil, médica, segurança, estudante, jornalista etc. Em relação ao perfil étnico-racial, 94 mulheres se declararam brancas, 50 pardas, 33 pretas, 1 indígena, 6 não declararam e outras 15 responderam “outra”. Do total de mulheres, 146 afirmaram ter ao menos um filho.

Os critérios estabelecidos para participação na segunda etapa consistiram em 1) vivência de violência psicológica como vítima; e 2) aceite em participar de entrevista narrativa, de acordo com o TCLE apresentado. Em relação ao primeiro critério, 94,4% das participantes afirmaram estar vivendo ou já ter vivido a violência psicológica. Em relação ao segundo critério, 37 mulheres se recusaram a participar da entrevista narrativa, 41 optaram participar através de mensagem de áudio, e 120 concordaram em participar por texto escrito. Embora a maioria das participantes tenham se voluntariado para a segunda etapa, não houve a participação espontânea indicada na primeira. Entre as 161 mulheres que aceitaram participar da entrevista narrativa, apenas 7 o fizeram de fato. A violência psicológica não deixa marcas visíveis, mas, internamente, todas as vítimas sentem as dores e guardam os traumas; pela natureza do estudo, as desistências já eram esperadas.

4.2. Recontextualização da violência psicológica

Os sete relatos foram analisados com base no sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional e na Teoria de Representação dos Atores Sociais, com o intuito de compreender como as potenciais vítimas representam linguisticamente os agressores e a si mesmas. A unidade mínima de análise do sistema de transitividade é a oração, por isso, optou-se por analisar a realização de transitividade em simplexos oracionais, aqueles constituídos por apenas uma oração; e complexos oracionais, constituídos por duas ou mais orações

(FARENCENA, 2016), quando formados por parataxe. Ou seja, aqueles complexos formados por “ligação de elementos livres e de mesmos níveis sintático e semântico que podem ocupar diferentes posições no complexo sem causar alteração de sentido” (FARENCENA, 2016).

Os dados foram enumerados e identificados de acordo com o contexto de situação em que as narrativas se passam, sendo eles: 1) ao interagir no ciberespaço, 2) ao trabalhar 3) ao frequentar a escola, 4) ao participar de ciclos sociais, 5) ao maternar, 6) ao se casar e, por último, 7) ao existir.

QUADRO 2 – Ao interagir no ciberespaço

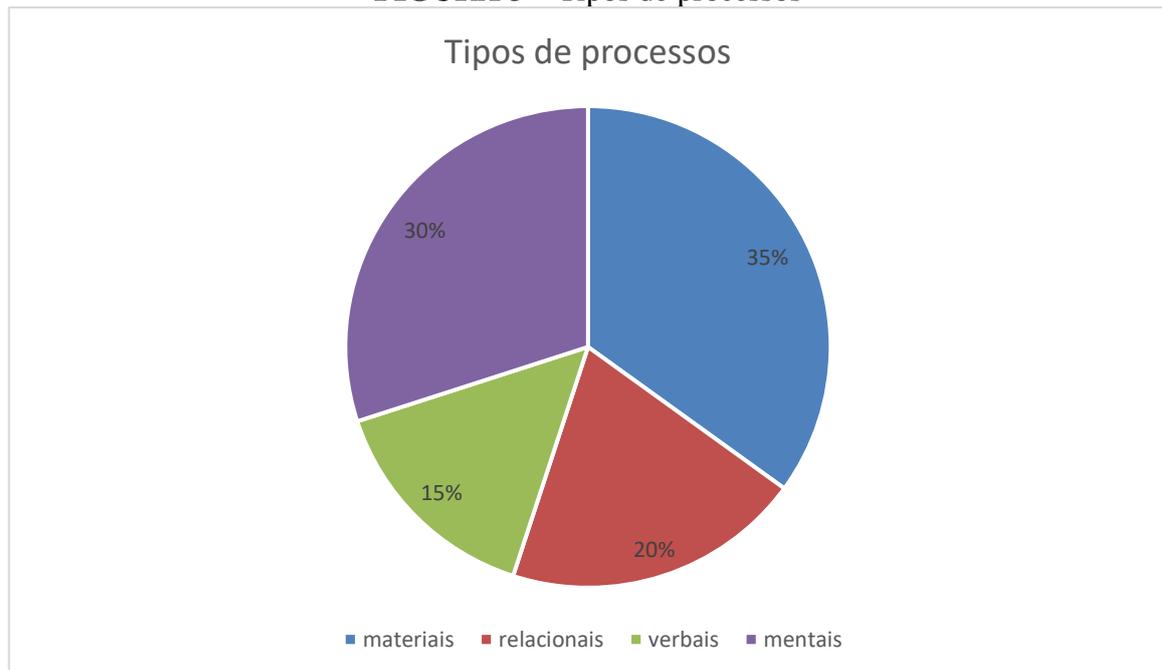
Eu	tinha	15 anos	e
Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	
estava namorando	pela primeira vez	com um garoto que morava a 714 km de distância.	Ele
Processo Material Transformativo [eu] Ator	Circunstância de extensão (frequência)	Meta	Portador
sempre	foi	muito violento e possessivo,	dizia
Circunstância de extensão (frequência)	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	Processo Verbal [ele] Dizente
que era culpa da distância e que quando estivéssemos perto melhoraria,	mas	ele	ficava
Relato		Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo
pior	a cada vez que nos víamos.	Ele	controlava
Atributo	Circunstância de extensão (frequência)	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo
meu peso, minhas roupas, minhas redes sociais, pra onde eu ia e com quem conversava.	Pelo fato de estarmos longe,	ele	me
Meta	Circunstância de causa (razão)	Ator	Beneficiário Cliente
ensinou	a fazer sexo virtual.	Muitas vezes	me
Processo Mental	Ideia	Circunstância de extensão (frequência)	Ator
obrigava a	fazer	isso	dizia que se a gente não fizesse, ele iria transar com outra garota da cidade dele, que se eu estivesse sem vontade era porque estava "dando pra outro".
Processo Material Transitivo Causativo [ele] Agente iniciador	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Processo Verbal [ele] Dizente Relato

Depois de um tempo	começou a mandar que	eu	me
Circunstância de localização (tempo)	Processo Material Transitivo Transformativo Causativo [ele] Agente Iniciador	Ator	Meta
batesse	em frente às câmeras,	assistisse	filmes pornô
Processo Material Transitivo Transformativo	Circunstância de lugar	Processo Mental	Fenômeno
e introduzisse	objetos	dentro de mim,	qualquer coisa que tivesse <u>o formato de um pênis.</u>
Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta	Circunstância de localização (lugar)	Atributo Descritivo (objetos)
Ele	sempre	dizia	que era o único que me amaria, que cuidaria de mim, que me aguentaria e por isso eu tinha que fazer essas coisas
Dizente	Circunstância de extensão (frequência)	Processo Verbal	Relato
e	eu	achava	que fazia por amor
	Experienciador	Processo Mental Cognitivo	Oração Projetada
mas	na verdade	eu	tinha
	Circunstância de modo (qualidade)	Portador	Processo Relacional Atributivo
medo dele, medo das ameaças, medo dele me bater quando a gente se encontrasse, medo da traição, do vazamento de fotos e vídeos íntimos.	Hoje	ainda	me
Atributo	Circunstância de localização (tempo)	Circunstância de extensão (frequência)	Fenômeno
culpo	muito	por ter deixado alguém de tão longe me controlar dessa maneira por tanto tempo,	me
Processo Mental	Circunstância de modo (grau)	Circunstância de causa (razão)	Fenômeno
culpo	por não ter conseguido sair do relacionamento	antes.	
Processo Mental	Circunstância de causa (razão)	Circunstância de localização (tempo)	

Fonte: elaborado pela autora

Os processos analisados no Quadro 2 constituem figuras que se desdobram em um contexto de situação no qual a potencial vítima interage com o agressor no ciberespaço. Essas figuras são construídas por processos do fazer, do pensar, do dizer e do caracterizar, conforme ilustrado pela Figura 3.

FIGURA 3 – Tipos de processos



Fonte: elaborado pela autora

Em relação às experiências externas, ações e eventos, foram identificados sete Processos Materiais. A vítima representa a si mesma e ao agressor, estabelecendo mudanças no fluxo de acontecimentos. É interessante destacar a estrutura causativa em (iii), cujo agressor é Agente Iniciador, enquanto a vítima, por sua vez, é o Ator engajado em uma sequência de outros processos de autoagressão, como em (v) e (vi):

Tabela 2 – Representação da experiência externa: Processos Materiais

Vítima	Agressor
(i) <u><i>Estava namorando</i></u> pela primeira vez com um garoto que morava a 714 km de distância.	
	(ii) Ele <u><i>controlava</i></u> meu peso, minhas roupas, minhas redes sociais, pra onde eu ia e com quem conversava.
	(iii) Muitas vezes <u><i>me obrigava</i></u> a fazer isso [sexo virtual].

(iv) fazer isso [sexo virtual].

(v) Depois de um tempo começou a mandar que eu me batesse...

(vi) ...me batesse em frente às câmeras

(vii) e introduzisse objetos dentro de mim, qualquer coisa que tivesse o formato de um pênis

Fonte: elaborado pela autora

A vítima é representada como Ator em processos de autoagressão, enquanto o agressor é representado como Agente Iniciador, sendo, por tanto, colocado em segundo plano nas figuras em que a violência mencionada, como em (v), "... começou a mandar que eu me batesse em frente às câmeras...". Outro aspecto interessante é que a vítima é incluída por meio Apassivações e Possessivações, "Ele controlava o meu peso, as minhas roupas, minhas redes sociais...", em (ii).

Quanto às relações da experiência interna, aquelas que se desdobram mentalmente, identificaram-se cinco Processos Mentais, representando a compreensão (iii) que a vítima possuía sobre as atitudes de autoagressão (i, ii), incitadas pelo agressor em (i).

Tabela 3 – Representação da experiência interna: Processos Mentais

(i) ...me <u>ensinou</u> a fazer sexo virtual...
(ii) ... <u>assistisse</u> filmes pornô...
(iii) ... <u>achava</u> que fazia por amor...
(iv) ... <u>me culpo</u> muito por ter deixado alguém de tão longe me controlar dessa maneira por tanto tempo...
(v) ... <u>me culpo</u> por não ter conseguido sair do relacionamento antes.

Fonte: elaborado pela autora

Ao construir figuras da experiência interna no discurso, a vítima é representada por Ativação em (iii), "Eu achava que fazia por amor". Na sequência, a mulher descreve sentimentos relacionados ao agressor, que por vezes é encoberto com Nominalizações, como em "Eu tinha... medo das ameaças... medo da traição... do vazamento de fotos e vídeos íntimos".

Quando a vítima relata "... me culpo por ter deixado alguém de tão longe me controlar assim...", o agressor é incluído no discurso por Personalização e Indeterminação, enquanto a mulher representa a si mesma por Ativação, o que explica o sentimento de culpa uma vez que o agressor é um Agente indeterminado.

Observou-se, no campo das relações, aquele que caracteriza e identifica participantes, quatro Processos Relacionais onde a vítima representa atributos seus e do agressor.

Tabela 4 – Representação das relações: Processo Relacionais

Vítima	Agressor
(i) Eu <u>tinha</u> 15 anos...	(ii) Ele sempre <u>foi</u> muito violento e possessivo...
	(iii) ...ele <u>ficava</u> pior cada vez que nos víamos
(iv) ...mas na verdade, eu <u>tinha medo</u> dele, medo das ameaças, medo dele me bater quando a gente se encontrasse, medo da traição, do vazamento de fotos e vídeos íntimos.	

Fonte: elaborado pela autora

Importa destacar que vítima representa o agressor por Ativação em Processos Relacionais, como em (ii), "ele sempre foi muito violento e possessivo...", enquanto se inclui no discurso por Apassivação e Circunstancialização, "ele ficava pior cada vez que nos víamos".

No que se refere às figuras dos dizeres, identificaram-se três Processos Verbais representando falas do agressor justificando sua conduta violenta e possessiva em (i), além de ameaçar e culpabilizar a vítima em (ii), com o intuito de obter consentimento para a relação sexual, que não existiria caso não houvesse manipulação emocional como em (iii), onde o agressor é representado minando a autoestima da vítima.

Tabela 5 – Representação dos dizeres: Processos Verbais

(i) ... [Ele] dizia que era culpa da distância e que quando estivéssemos perto melhoraria [o fato de ser violento e possessivo].

(ii) ... [ele] dizia que se a gente não fizesse [sexo virtual], ele iria transar com outra garota da cidade dele, que se eu estivesse sem vontade era porque eu estava “dando para outro”.

(iii) Ele sempre dizia que era o único que me amaria, que cuidaria de mim, que me aguentaria e por isso eu tinha que fazer essas coisas.

Fonte: elaborado pela autora

A vítima representa falas do agressor, em que ele se coloca como "único" que a amaria, que "cuidaria" e "aguentaria" a vítima em (iii), ou seja, é incluído no discurso por Personalização e Diferenciação, uma vez que possui atributos que o distinguem das outras pessoas. Em outro momento a fala do agressor é representada incluindo outros atores sociais por Personalização e Indeterminação, em (ii) "... dizia que se a gente não fizesse [sexo virtual], ele iria transar com outra garota da cidade... se eu estivesse sem vontade... estava dando para outro".

QUADRO 3 - Ao trabalhar

O meu trabalho	começou a ser boicotado		e
Meta	Processo Material Transitivo Transformativo [ora por homens e mulheres] Ator		
comecei a ser criticada		constantemente,	ora por homens, ora por mulheres.
Processo Verbal [eu] Verbiagem		Circunstância de extensão (frequência)	Dizente
Em determinadas situações,	eu	enfrentava	assédio público e muito intenso,
Circunstância de extensão (frequência)	Experienciador	Processo Mental Emotivo	Fenômeno
por representar uma entidade de trabalhadores.	Também	espalharam	mentiras
Circunstância de causa (razão)		Processo Verbal	Verbiagem
a meu respeito,	isso	era	a parte mais dolorida.
Circunstância de assunto	Identificado	Processo Relacional Identificativo	Identificador
Chegaram a levantar	suspeitas	sobre minha fidelidade ao meu marido.	Cheguei a ficar

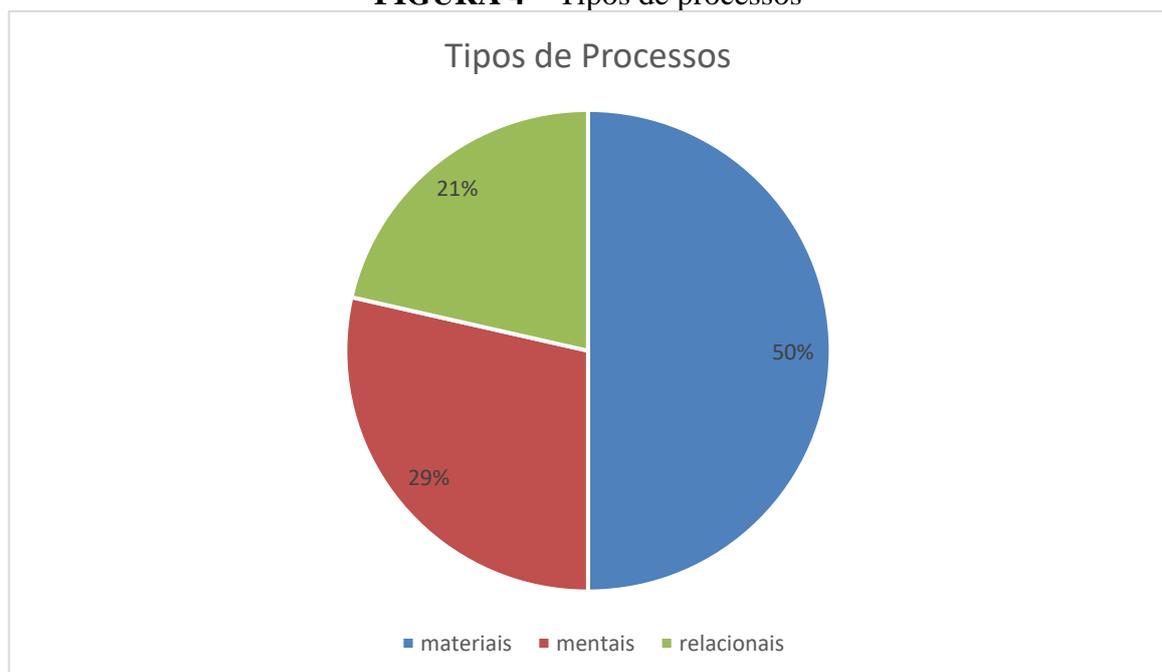
Processo Material Transitivo Criativo [encoberto] Ator	Escopo Processo	Circunstância de assunto	Processo Relacional Intensivo Atributivo [eu] Portador
doente	e	ter que tomar	remédios.
Atributo		Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta
Por ser mulher e estar ganhando muita visibilidade.	Isso	jamais	aconteceria
Circunstância de causa (razão)	Meta	Circunstância de extensão (frequência)	Processo Material Criativo
se eu fosse homem.	Pelo contrário, seria exaltado por essa atuação profissional	Eu	trabalhava
Circunstância de contingencial (condição)	Circunstância de modo (comparação)	Ator	Processo Material Intransitivo Transformativo
12 horas/dia	e	buscava	me
Circunstância de extensão (frequência)		Processo Mental desiderativo	Experienciador
qualificar	o tempo todo,	enquanto os que me criticavam não trabalhavam nem a metade disso e pouco sabiam sobre o assunto que abordavam.	
Fenômeno	Circunstância de extensão (frequência)	Circunstância de modo (comparação)	
Feliz	pelo meu trabalho, que foi parcialmente reconhecido.	Feliz	por mim e pela minha perseverança,
Atributo	circunstância de causa (benefício)	Atributo [me] Portador	circunstância de causa (benefício)
obstinação,	motivo	pelo qual sou respeitada entre meus pares.	Mas
Possuidor [é] Processo Relacional Intensivo Identificativo	Atributo	Circunstância de causa (razão)	
sinto	raiva	quando relembro disso.	Pois a dedicação e a qualificação profissional deveria ser motivo de elogio e reconhecimento e não ser motivo de violência.
Processo Mental Emotivo [eu] Experienciador	Fenômeno	Circunstância de extensão (frequência)	Circunstância de causa (razão)
Desprezo	essas pessoas.	Simplesmente,	afastei

Processo Mental Emotivo [eu] Experienciador	Fenômeno	Circunstância de modo (qualidade)	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator [essas pessoas] Meta
do meu convívio...	Obviamente,	deixou	marcas
Circunstância de Acompanhamento (Companhia)		Processo Material Transitivo Transformativo [a violência] Ator	Escopo Processo
mais ainda	por ser mulher.		
Circunstância de modo (grau)	Circunstância de causa (razão)		

Fonte: elaborado pela autora

Os processos analisados no Quadro 3 constituem figuras que se desdobram em um contexto de situação de ambiente de trabalho da vítima. Essas experiências foram construídas por meio de processos que representam ações e eventos, e relações, conforme ilustrado pela Figura 4.

FIGURA 4 – Tipos de processos



Fonte: elaborado pela autora

No campo das experiências externas foram identificadas sete orações materiais. Em (i) e (ii), observa-se que os potenciais agressores agem com o intuito de assediar a vítima. Em (iii), a vítima representa uma consequência decorrente da violência. Já em (vi), a vítima encerra o ciclo de violência.

Tabela 6 – Representação da experiência externa: Processos Materiais

Vítima	Agressores	Violência
--------	------------	-----------

(i) o meu trabalho começou a ser boicotado [ora por homens, ora por mulheres].

(ii) Chegaram a levantar suspeitas sobre minha fidelidade ao meu marido.

(iii) [cheguei] a ter que tomar remédios

(iv) Isso jamais aconteceria se eu fosse homem.

(v) eu trabalhava 12 horas/dia

(vi) simplesmente afastei do meu convívio

(vii) obviamente deixou marcas, mais ainda por ser mulher

Fonte: elaborado pela autora

A vítima introduz os agressores por Personalização, Indeterminação, em (i) "O meu trabalho começou a ser boicotado ora por homens, ora por mulheres". A mulher representa os agressores também por Encobrimento, deixando a presença dos mesmos evidente apenas nas desinências verbais. Há ainda uma exclusão por Supressão em "afastei do meu convívio, em (vi), nesse caso, nenhum agressor é citado. A vítima se introduz no discurso por Possessivação, em "o meu trabalho começou a ser boicotado...", e frequentemente por ativação como em (v), "eu trabalhava 12 horas por dia", etc.

Observou-se a ocorrência de figuras que se desenrolam no campo da mente, a partir de quatro Processos Mentais que foram representados tendo a própria vítima como Experienciador. Em (i), a vítima relata sofrer assédio em público, em (ii) e (iii) demonstra sentimentos residuais, pois, ainda que tenha superado, a violência psicológica deixou impactos.

Tabela 7 – Representação da experiência interna: Processos Mentais

(i) em determinadas situações, eu enfrentava assédio público e muito intenso,

-
- (ii) **buscava** me qualificar.
- (iii) mas **sinto raiva** quando lembro disso,.
- (iv) **desprezo** essas pessoas...
-

Fonte: elaborado pela autora

A vítima constitui figuras da experiência interna nas quais representa a si mesma como Experienciadora por ativação, como, por exemplo, "eu enfrentava assédio público". Os agressores são incluídos no discurso por meio de Generalização como em "desprezo essas pessoas", ao citar "sinto raiva quando lembro disso". No caso o assédio público, há Exclusão por Supressão dos agressores, na forma de Nominalização.

No que se refere ao campo relacional, foi constatada a realização de três Processos Relacionais, representando a vítima e a razão pela qual ela conseguiu superar a violência.

TABELA 8 – Representação das relações: Processos Relacionais

-
- (i) isso [a violência] **era** a parte mais dolorosa
- (ii) **Cheguei a ficar** doente...
- (iii) obstinação **[é]** o motivo pelo qual sou respeitada entre os meus pares
-

Fonte: elaborado pela autora

É importante destacar a figura constituída com Exclusão do agressor, por Supressão, em forma de Nominalização, em "isso [a violência] era a parte mais dolorosa", (i).

QUADRO 4 – Ao frequentar a escola

Eu	fui	vítima	de um ex professor, pedófilo.
Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	Circunstância de causa (benefício)
Eu	tinha	13 anos	e
Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	
ele	29.	Minha família	era

Portador [tinha] Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo [anos]	Ator	Processo Relacional Intensivo Identificativo
contra,	mas	eu	sempre
Atributo		Ator	Circunstância de extensão (frequência)
dava um jeito de fugir	para ver ele.	Até que	fui expulsa de casa
Processo Material Intransitivo Transformativo	Circunstância de causa (razão)		Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Meta
pelo meu tio,	aos 13 anos.	Então	fui procurar
Ator	Atributo Descritivo		Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator
refúgio	com esse cara,	o ex professor, pedófilo.	Ele
Escopo Processo	Circunstância de Acompanhamento (Companhia)	Atributo Descritivo	Dizente
se	dizia	médium,	e
Alvo	Processo Verbal	Verbiagem	
as vezes	incorporava	entidades	para conversar comigo.
Circunstância de extensão (frequência)	Processo Comportamental [ele] Comportante	Comportament o	Circunstância de causa (finalidade)
Nunca	tive	religião,	mas

Circunstância de extensão (frequência)	Processo Relacional Atributivo Possessivo [eu] Possuidor	Atributo	
eu	acreditava	no que vivia com ele,	afinal de contas
Experienciador	Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	
minha família	já tinha virado as costas	para mim,	justamente por eu ter sido vítima, seduzida por um pedófilo.
Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Circunstância de causa (razão)
Em algumas ocasiões	ele	dizia	que tal entidade estava me observando, e que contaria para ele sobre qualquer deslize que eu cometesse, no sentido de traí-lo.
Circunstância de extensão (frequência)	Dizente	Processo Verbal	Relato
Ele	utilizava	isso	para me manipular
Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Circunstância de causa (razão)
e	com medo dele e das entidades,	eu	nunca
	Circunstância de causa (razão)	Dizente	Circunstância de extensão (frequência)
conseguia mentir,	mesmo se quisesse ou precisasse.		Até que uma vez
Processo Verbal	Circunstância de Contingência (Condição)		Circunstância de extensão (frequência)
ele	havia incorporado	uma dessas entidades	e

Comportante		Processo Comportamental	Comportamento	
narrou	uma situação de violência,	como se a entidade tivesse utilizando o corpo dele para praticar o estupro contra outra aluna.		Ele
Processo Verbal	Verbiagem	Circunstância de modo (meio)		Ator
não utilizou	a palavra “estupro”,	mas	disse	
Processo Material Transitivo Transformativo	Meta		processo verbal [ele] dizente	
que sem consentimento, penetrou com os dedos uma aluna que ele não gostava por ser negra.	Ele	Parecia se divertir	com isso	
relato	Experienciador	Processo Mental Emotivo	Fenômeno	
e	o	fez	por vingança, já que não gostava dela por ser negra.	
	Meta [sem consentimento, penetrou com os dedos uma aluna que ele não gostava por ser negra]	Processo Material Transitivo Transformativo [ele] Ator	Circunstância de Causa (razão)	
Eu	suspeitava	dele	mas	
Experienciador	Processo Mental Perceptivo	Fenômeno		
na minha cabeça de 13 anos de idade,	não podia ser	ele	era	
Circunstância de causa (razão)	Processo Relacional Intensivo Identificativo	Identificado	Processo Relacional Intensivo Atributivo	

uma entidade ou um demônio, ou sei lá.	Depois de conversar com uma amiga,	entendi	que ele era completamente psicopata.		
Atributo	Circunstância de causa (razão)	Processo Mental Cognitivo [eu] Experienciador	Fenômeno		
Enquanto tínhamos uma relação	ele	engravidou	outra aluna,		
Circunstância de localização (tempo)	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta		
as vítimas	eram	sempre	alunas,		
Portador	Processo Relacional Intensivo Identificativo	Circunstância de extensão (frequência)	Atributo		
sempre	muito mais novas do que ele.	Acho	que isso aconteceu porque eu era muito nova, sem proteção familiar, o que me deixou ainda mais vulnerável.		
Circunstância de extensão (frequência)	Atributo	Processo Mental Cognitivo [eu] Experienciador	Fenômeno		
E havia também	uma relação de poder,	por ele ser meu professor.	Usava		
Processo Existencial	Existente	Circunstância de Causa (Razão)	Processo Material Transitivo Transformativo [ele] Ator		
minha fé,	me	fazia	ouvir	todas as histórias de estupro que ele praticava,	enquanto eu mesma me via obrigada a praticar o que as entidades queriam, como me deixar ser filmada em posições sexuais.
Meta	Experienciador	Processo Material Transitivo Transformativo Causativo	Processo Mental Perceptivo	Fenômeno	Circunstância

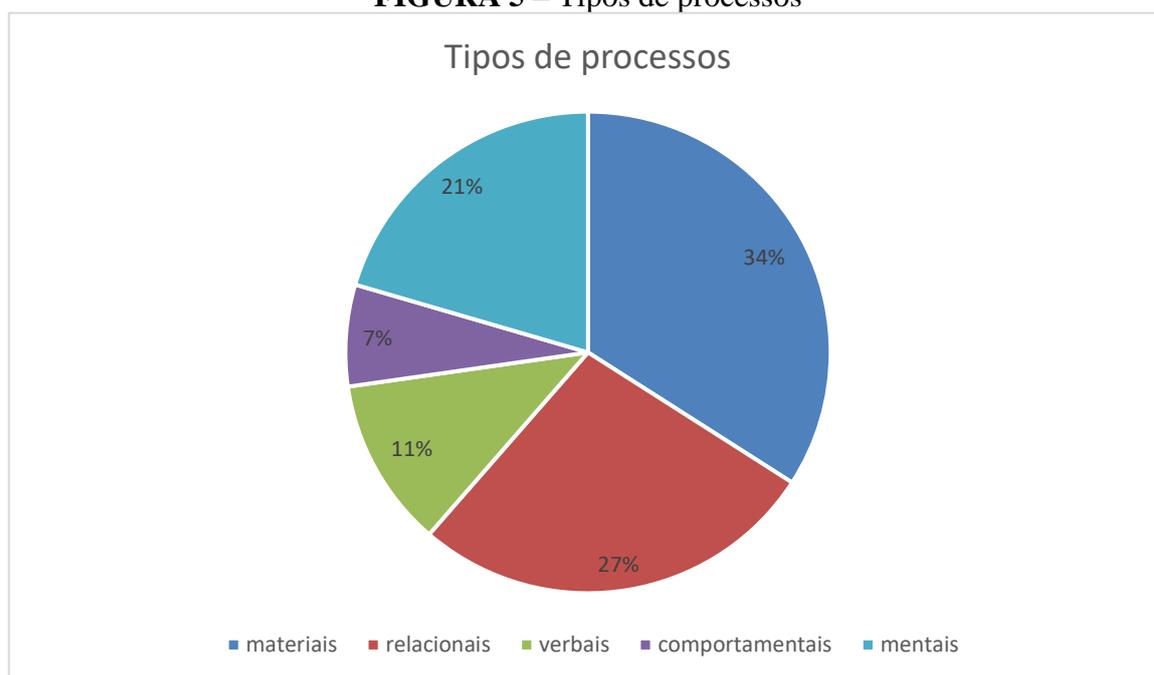
		[ele] Agente Iniciador			
Uma vez		ele	fingiu	ter incorporado o espírito de uma criança,	
Circunstância de extensão (frequência)		Comportante	Processo Comportamental	Comportamento	
e	me	obrigou a		transar	
	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo Causativo [ele] Agente Iniciador		Processo Material Intransitivo Transformativo	
com ele,		enquanto se comportava de forma infantil.	Hoje	sinto	
Circunstância de acompanhamento (companhia)		Circunstância de modo (qualidade)	Circunstância de localização (tempo)	Processo Mental Emotivo	
vergonha		e	ninguém	sabe	
Fenômeno			Experienciador	Processo Mental Cognitivo	
o que vivi		além da minha melhor amiga.	Hoje	tenho	
Oração projetada		Circunstância de acompanhamento (adição)	Circunstância de localização (tempo)	Processo Relacional Intensivo Identificativo [eu] Portador	
32 anos		e	tenho	medo de encontrar com ele pela rua.	
Identificador			Processo Relacional Intensivo Atributivo [eu] Portador	Atributo	

Consegui sair	desse ciclo	após ele engravidar uma menina,	então	ele
Processo Material Transitivo Transformativo	Escopo Entidade	Circunstância de localização (tempo)	Circunstância de localização (tempo)	Experienciador
deixou de ser obceca do	Por mim	e assumiu.	um relacionamento	com ela.
Processo Mental Emotivo	fenômeno	Processo Material Transitivo Transformativo [ele] Ator	Meta	Circunstância de Acompanhamento (Companhia)
Fui morar		com a minha avó	hoje	tenho
Processo Material Intransitivo Transformativo [eu] Ator		Circunstância de acompanhamento (companhia)	Circunstância de localização (tempo)	Processo Relacional Atributivo Possessivo [eu] Possuidor
consciência do risco de vida que eu e outras colegas passamos na mão dele,		ele	realmente	tinha
Atributo		Portador	Circunstância de modo (qualidade)	Processo Relacional Atributivo Intensivo
uma mente doentia.				
Atributo				

Fonte: elaborado pela autora

O relato acima foi construído em um contexto de situação em que a vítima frequentava a escola. Observou-se a ocorrência de Processos Materiais, Processos Relacionais, Processos Verbais, Processos Comportamentais, Processos Mentais e Processos Existenciais, conforme apresentado na figura abaixo:

FIGURA 5 – Tipos de processos



Fonte: elaborado pela autora

No que se refere ao fluxo de ações e eventos do relato em questão, identificaram-se 15 Processos Materiais. É possível observar que o abandono familiar, em (ii), dá sequência a uma série de Processos Transformativos, em que a vítima é representada como Ator buscando encaixar-se em diversos cenários (i). E nesse contexto, o agressor se aproveitou de uma situação de vulnerabilidade, e por meio de Processos Materiais Causativos e manipulações a submeteu a situações de violência, fazendo com que ela se envolvesse em outros processos como em (viii) e (ix).

Tabela 9 – Representação da experiência externa: Processos Materiais

Vítima	Agressor	Familiares e outros
(i) eu sempre <i>dava um jeito de fugir</i> para ver ele		
		(ii) até que <i>fui</i> expulsa de casa pelo meu tio
(iii) então <i>fui procurar</i> refúgio com esse cara, o ex professor pedófilo		
		(iv) já tinha virado as costas para mim

(v) ele utilizava isso [crença religiosa] para me manipular

(vi) ele não utilizou a palavra estupro

(vii) o fez [sem consentimento, penetrou com os dedos uma aluna que ele não gostava por ser negra] por vingança, já que não gostava dela por ser negra.

(viii) ... ele engravidou outra aluna...

(ix) ... usava minha fé...

(x) ... me fazia ouvir todas as histórias de estupro que ele praticava, enquanto eu mesma me via obrigada a praticar o que as entidades queriam, como me deixar ser filmada em posições sexuais.

(xi) me obrigou a transar com ele...

(xii) transar [eu] com ele,

(xiii) consegui sair desse ciclo após ele engravidar uma menina, então ele deixou de ser obcecado por mim e assumiu um relacionamento com ela.

(xiv) assumiu um relacionamento com ela.

(xv) fui morar com a minha avó...

Fonte: elaborado pela autora

No que se refere à experiência externa, observou-se que, em geral, a vítima e o agressor são representados por Ativação. Convém destacar uma ocorrência de Exclusão do agressor por

Supressão e a Inclusão de "entidades" como Agente Iniciador, (ix), fazendo com que a vítima se engaje em processos materiais contra si mesma, como em "me via obrigada a praticar o que as entidades queriam...". As "entidades" são representadas por Ativação em Processos Desiderativos, nesse sentido, o agressor é representado em segundo plano.

Houve uma significativa ocorrência de Processos Relacionais, verificou-se um total de 12, sendo que a vítima representa a si mesma e ao agressor tanto por Processos Relacionais Atributivos como Identificativos. Em (vi) é interessante observar que devido ao cenário de manipulação, a vítima não percebe de onde parte a violência:

Tabela 10 – Representação das relações: Processos Relacionais

Vítima	Agressor	Familiares e outros
(i) Eu <u>fui</u> vítima de um ex professor, pedófilo.		
(ii) Eu <u>tinha</u> 13 anos...	(iii) ...ele <u>[tinha]</u> 29 [anos].	
		(iv) Minha família <u>era</u> contra...
(v) nunca <u>tive</u> religião...	(vi) ...não <u>podia ser</u> ele...	
		(vii) ... <u>era</u> uma entidade ou um demônio...
		(viii) ... as vítimas <u>eram</u> sempre alunas, muito mais novas do que ele
(ix) ... <u>tenho</u> medo de encontrar com ele pela rua...		
(x) Hoje <u>tenho</u> 32 anos		
(xi) Hoje <u>tenho</u> consciência do risco de vida que eu e outras colegas passamos na mão dele,		
	(xii) ... ele realmente <u>tinha</u> uma mente doentia.	

A vítima introduz a si mesma por Ativação e o agressor por Personalização, Diferenciação e Categorização em "Eu fui vítima de um ex professor, pedófilo", em (i). A família é representada por Ativação, "minha família era contra...", (iv), e há, no discurso, a presença de "outras colegas" por Passivação, como em "as vítimas eram sempre alunas", (viii).

No que se refere às representações da experiência no campo da mente, foram identificados nove Processos Mentais Os trechos representam a vítima sendo manipulada pelo agressor através da experiência interna. .

Tabela 11 – Representação da experiência interna: Processos Mentais

Vítima	Agressor	Outros
(i) ... eu <u>acreditava</u>		
	(ii) Ele <u>parecia se divertir</u> com isso...	
(iii) Eu <u>suspeitava</u> dele...		
(iv) <u>entendi</u> que ele era completamente psicopata.		
(v) ... <u>acho</u> que isso aconteceu porque eu era muito nova...		
(vi) ... <u>me fazia ouvir</u> todas as histórias de estupro		
	(vii) Ele <u>fingiu</u> ter incorporado o espírito de uma criança...	
(viii) Hoje <u>sinto</u> vergonha...		
		(ix) ... ninguém <u>sabe</u> o que vivi, além da minha melhor amiga.

Fonte: elaborado pela autora

Ao recontextualizar a experiência interna da violência psicológica, a vítima inclui a presença de uma amiga por Circunstancialização, em (iv), "depois de conversar com uma

amiga, entendi que ele era completamente psicopata". Há uma Exclusão por Supressão da agência do agressor em "... isso aconteceu por eu ser muito nova".

Foram identificados, também, cinco Processos Verbais, que relatam falas do agressor. Ao representar essas falas, a vítima constrói figuras nas quais "a entidade" é Incluída por Ativação, enquanto o agressor é Passivado, como em (ii), "...tal entidade estava me observando, e que contaria para ele sobre qualquer deslize...".

Tabela 12 – Representação dos dizeres: Processos Verbais

-
- (i) Ele se **dizia** médium...
 - (ii) ... ele **dizia** que tal entidade estava me observando, e que contaria para ele sobre qualquer deslize que eu cometesse, no sentido de traí-lo.
 - (iii) ... eu nunca **conseguia mentir**...
 - (iv) ... [ele] **narrou** uma situação de violência como se a entidade tivesse utilizado o corpo dele para praticar o estupro contra outra aluna.
 - (v) ... mas **disse que sem consentimento, penetrou com os dedos uma aluna que ele não gostava por ser negra.**
-

Fonte: elaborado pela autora

Quanto aos Processos Comportamentais, foram identificadas três ocorrências. É possível observar que o agressor simulava determinado comportamento para ter acesso à mente e ao corpo da vítima. Ao elaborar figuras comportamentais, a vítima representa o agressor por Ativação e a "entidade" por Passivação, como, por exemplo, em (iii) "... ele fingiu ter incorporado o espírito de uma criança...".

Tabela 13 – Representação de comportamentos – Processos Comportamentais

-
- (i) ... às vezes **incorporava** entidades para conversar comigo
 - (ii) Até que uma vez ele **havia incorporado** uma dessas entidades
 - (iii) ... ele **fingiu** ter incorporado...
-

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 5 – Ao participar de ciclos sociais

Fiquei	noiva de um rapaz	que	sempre	dizia
--------	-------------------	-----	--------	-------

Processo Relacional Intensivo Atributivo [eu] Portador	Atributo		Circunstância de extensão (frequência)	Processo Verbal
que eu não era capaz de nada na vida sem ele, que se nos separássemos eu estaria sozinha, que ninguém ia me querer, que na época eu era magra demais.	Continuei	com ele	até que	um fim de semana
Relato	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta		Circunstância de localização (tempo)
fui	em um show de rap	com ele, minha irmã e uma amiga dela,	lá	encontramos
Processo Material Intransitivo Transformativo [eu] Ator	Circunstância de localização (lugar)	Circunstância de acompanhamento (companhia)	Circunstância de localização (lugar)	Processo Material Transitivo Transformativo
vários amigos dele	e	ele	foi	ao banheiro,
Meta		Ator	Processo Material Intransitivo Transformativo	Circunstância de localização (lugar)
e	pediu	para que os amigos ficassem me vigiando e não deixasse ninguém se aproximar,		eu
	Processo Verbal (Semiose/Comando) [ele] dizente	Relato		Experienciador
vi	no rosto da minha irmã	o ponto de interrogação olhando pra mim.	Eu	abaixei
Processo Mental Perceptivo	Circunstância de localização (lugar)	Fenômeno	Ator	Processo Material

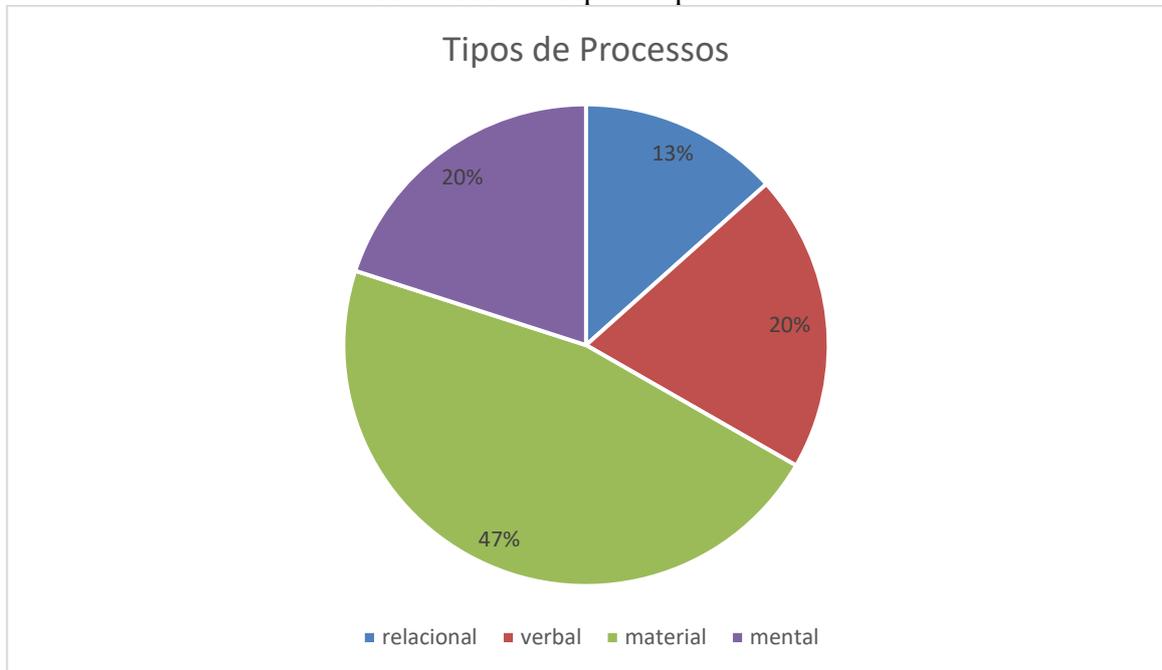
				Transitivo Transformativo
a cabeça	e	fiquei pensando	nisso	o resto da noite.
Meta		Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	Circunstância de extensão (frequência)
Chegando em casa	eu	disse	a mim	que eu não era propriedade de ninguém a não ser minha.
Circunstância de localização (tempo)	Dizente	Processo Verbal	Receptor	Relato
Encontrei	com ele	no dia seguinte	e	terminei,
Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Circunstância de localização (tempo)		Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator [o noivado] Meta
descobri	que sim que encontraria uma pessoa que amaria de verdade da forma que eu era	e	estou	casada
Processo Mental Cognitivo	Fenômeno		Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo
com essa pessoa	a 15 anos.			
Circunstância de acompanhamento (companhia)	Circunstância de localização (tempo)			

Fonte: elaborado pela autora.

O relato anterior se desenrola em um contexto de situação que a vítima tenta participar de círculos sociais, foram identificados Processos Materiais, Processos Mentais, Processos

Verbais, Processos Relacionais e Processo Comportamental, conforme ilustrado no gráfico abaixo:

FIGURA 6 – Tipos de processos



Fonte: elaborado pela autora

No âmbito das representações de experiência externa, foram localizados sete Processos Materiais.. A vítima se introduz no discurso por meio de Ativação, os outros atores, agressor, irmã, amiga e amigos são citados por Circunstancialização. É interessante notar que nesse caso, o agressor é representado por Ativação apenas em um momento, (iv), "ele foi ao banheiro...". Em (v) a vítima se representa por Passivação diante do comportamento do agressor.

Tabela 14 – Representação da experiência externa: Processos Materiais

Vítima	Agressor
(i) <u>continuei</u> com ele...	
(ii) <u>fui</u> em um show de rap com ele, minha irmã e uma amiga dela.	
(iii) lá <u>encontramos</u> vários amigos dele...	
	(iv) Ele <u>foi</u> ao banheiro...
(v) Eu <u>abaixei a cabeça</u> ...	
(vi) <u>encontrei</u> com ele no dia seguinte...	

(vii) e **terminei** [a relação].

Fonte: elaborado pela autora

Acerca da representação das experiências que se desdobram no campo da mente, foram localizados três Processos Mentais. A vítima é Experienciadora. É interessante destacar a representação da irmã por Circunstancialização para a tomada de consciência da vítima.

Tabela 15 – representação da experiência interna: Processos Mentais

(i) eu **vi** no rosto da minha irmã o ponto de interrogação

(ii) **fiquei pensando** nisso o resto da noite

(iii) **descobri** que sim que encontraria uma pessoa que amaria de verdade da forma que eu era.

Fonte: elaborado pela autora

Quanto à representação dos dizeres, pôde-se constatar três Processos Verbais. A mulher relata falas do agressor, representando-o por Ativação em (ii), "pediu para que os amigos ficassem me vigiando e não deixassem ninguém se aproximar". Em outro momento, o agressor cita atributos relacionados à mulher, e o incluí por Personalização e Diferenciação, em relação a outros homens, em (i). Há ainda uma Projeção realizada pela vítima em (iii), "eu disse a mim mesma que não era propriedade de ninguém a não ser minha", em que representa a si mesma por impersonalização.

Tabela 16 – Representação da experiência dos dizeres: Processos Verbais

Vítima

Agressor

(i) ... sempre **dizia** que eu não era capaz de nada na vida sem ele, que se nos separássemos eu estaria sozinha, que ninguém ia me querer, que na época eu era magra demais.

(ii) ... **pediu** para que os amigos ficassem me vigiando e não deixassem ninguém se aproximar.

(iii) eu **disse** a mim que não era propriedade de ninguém a não ser minha.

Fonte: elaborado pela autora

Os Processos Relacionais identificados no relato 4 foram dois, excfm (i), a vítima introduz o tipo de relação que possuía com o agressor, em (ii) introduz no discurso o atual parceiro por Personalização e Indeterminação.

(i) **Fiquei** noiva de um rapaz...

(ii) ... **estou** casada com essa pessoa há 15 anos.

Quadro 6 - Ao maternar

Tive	um relacionamento	de 12 anos		onde, como a maioria no início era maravilhoso.
Processo Relacional Atributivo Possessivo [eu] Portador	Atributo	Circunstância de extensão (duração)		Circunstância de modo (qualidade)
Depois de 7 anos juntos	tivemos	uma filha		e ai
Circunstância de localização (tempo)	Processo Relacional Atributivo Possessivo [nós] Portador	Atributo		Circunstância de localização (tempo)
começaram	os abusos.	Ele		controlava
Processo Existencial	Existente	Ator		Processo Material Transitivo Transformativo
minha vida	em tudo.	[ele]	Me	Induziu
Meta	Circunstância de modo (qualidade)	Agente iniciador	Ator	Processo Material Causativo [ele] Agente Iniciador
a parar de trabalhar,		foi		a pior coisa que fiz.
Processo Material Transitivo Transformativo		Processo Relacional Intensivo Identificativo [parar de trabalhar] Identificador		Identificado
ele	controlava	a hora que eu tinha que dormir e acordar.		Sempre
Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta		Circunstância de extensão (frequência)
me	vigiava	em reuniões entre amigos ou familiares		sobre o que eu conversava.

Fenômeno	Processo Mental Perceptivo [ele] Experienciador	Circunstância de localização (local)		Circunstância de assunto
Quando tinha festa dos meus amigos e familiares	ele	inventava		compromisso
Circunstância de localização (tempo)	Ator	Processo Material Transitivo Criativo		Meta
no mesmo dia,	ou simplesmente	aparecia		algum amigo dele
Circunstância de localização (tempo)	Circunstância de extensão (frequência)	Processo Material Intransitivo Transformativo		Ator
na nossa casa	para visita.	Todas as vezes que eu ia na casa de alguém, até mesmo da minha mãe,		Não dava meia hora,
Circunstância de localização (lugar)	Circunstância de causa (razão)	Circunstância de extensão (frequência)		Circunstância de localização (tempo)
Ele	ja	ficava [me] ligando		me [ligando]
Ator	Circunstância de localização (tempo)	Processo Material Transitivo Transformativo		Meta
perguntando	se eu ia demorar.	Tirava	minha autoridade	sobre minha filha.
Processo Verbal [ele] Dizente	Relato	Processo Material Transitivo Transformativo [ele] Ator	Meta	Circunstância de assunto
Fora humilhações na frente das pessoas.	Não	me		deixava
Nominalização Circunstância de acompanhamento (adição)		Portador		Processo Causativo [ele] Agente iniciador
ser	vaidosa	Depois que consegui me separar	eu	fui fazendo
Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	Circunstância de Localização (tempo)	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo

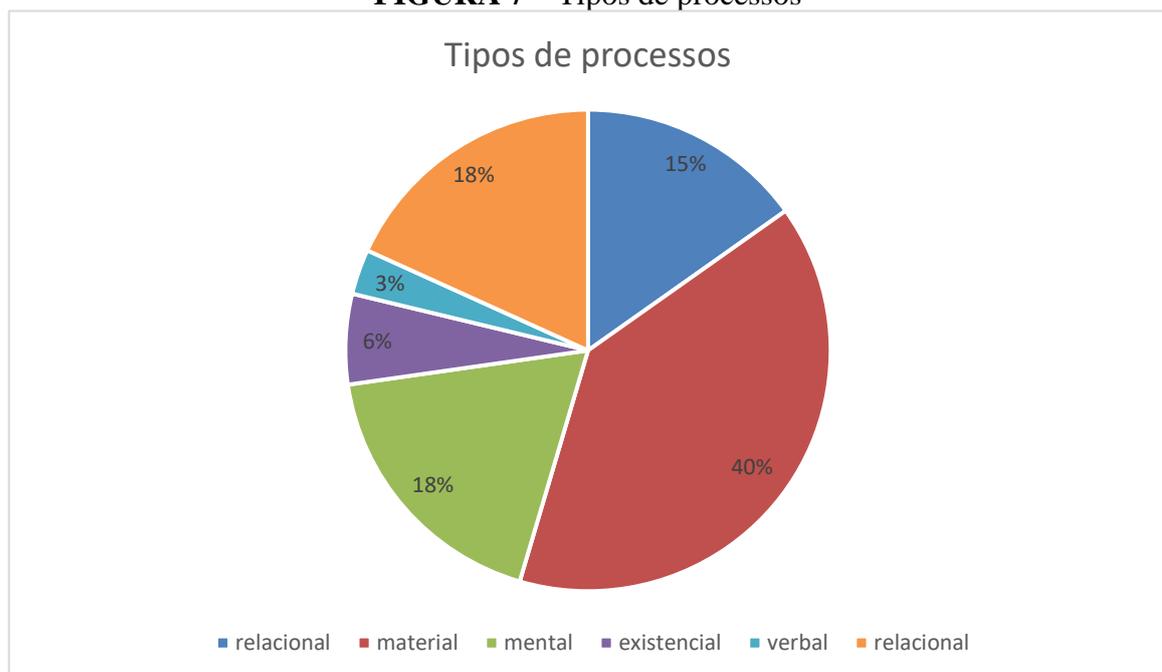
uma análise	sobre este relacionamento,	e	vi
Escopo Processo	Circunstância de assunto		Processo Mental Cognitivo [eu] Experienciador
que ele sempre foi abusivo desde o início, só que era sutil.	Hoje	sofro	com estresse pós-traumático
Oração Projetada	Circunstância de localização (tempo)	Processo Mental Emotivo [eu] Experienciador	Fenômeno
Principalmente por ter entendido que quando ele me obrigava a manter relações sexuais com ele era estupro.	Cheguei a pensar	em suicídio	porque não via outra forma de me separar dele
Circunstância de causa (razão)	Processo Mental Cognitivo [eu] Experienciador	Fenômeno	Circunstância de causa (razão)
mas	por minhas filhas	resolvi	lutar.
	Circunstância de causa (benefício)	Processo Mental Cognitivo [eu] Experienciador	Fenômeno
Mesmo depois de separada	sofri	uma agressão	na frente de nossa filha
Circunstância de contingência (condição)	Processo Mental Emotivo	Fenômeno	Circunstância de modo (qualidade)
e desde então	mantenho	contato zero.	Mas
Circunstância de localização (tempo)	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta	
infelizmente	ele	usa	a filha
Circunstância de modo (qualidade)	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta

para se fazer presente e me atacar.	e	ela	só
Circunstância de causa (razão)		Identificado	Circunstância de modo (grau)
tem	11 anos.	Tem	mais coisas que posso não estar lembrando agora,
Processo Relacional Intensivo Identificativo	Identificador	Processo Existencial	Existente
mas	é	um fantasma que me persegue	por 6 anos já.
	Processo Relacional Intensivo Atributivo [a violência] Portador	Atributo	Circunstância de localização (tempo)

Fonte: elaborado pela autora

O relato analisado no Quadro 6 aponta processos se desdobrando em um contexto de situação em que a vítima vivencia a maternidade. Foram identificados Processos Materiais, Processos Relacionais, Processos Mentais, Processos Existenciais e Processo Verbal, como demonstra o gráfico 5.

FIGURA 7 – Tipos de processos



Fonte: elaborado pela autora

Os Processos Materiais identificados foram 13:

Tabela 17 – Representação da experiência externa: Processos Materiais

Vítima	Agressor	Outros
	(i) Ele <u>controlava</u> minha vida em tudo.	
	(ii) Me <u>induziu</u> a parar de trabalhar...	
(iii) <u>parar</u> de trabalhar [eu]	(iv) Ele <u>controlava</u> a hora que eu tinha que dormir e acordar.	
	(v) Sempre me <u>vigiava</u> em reuniões entre amigos e familiares sobre o que eu conversava.	
	(vi) Quando tinha festa dos meus amigos e familiares, ele <u>inventava</u> compromisso no mesmo dia...	
		(vii) ... <u>aparecia</u> algum amigo dele na nossa casa para visita.
	(viii) Não dava meia hora, ele já <u>ficava me ligando</u> ...	
	(ix) <u>Tirava</u> minha autoridade sobre minha filha	
	(x) Não me deixava ser vaidosa, usar perfume, então, nem pensar.	
(xi) Eu <u>fui fazendo</u> uma análise sobre este relacionamento...		
(xii) ... <u>mantenho contato zero</u> . [com o agressor]		

(xiii) Mas infelizmente ele usa a filha para se fazer presente e me atacar.

Fonte: elaborado pela autora

O agressor é representado por Ativação em diversos momentos, e é citado como Agente Iniciador em (ii), "me induziu a parar de trabalhar", e em (x), "não me deixava ser vaidosa". Amigos e familiares da vítima são citados por Circunstancialização em (v) e (vi), enquanto o um amigo do agressor é citado por Ativação em (vii), na condição de Ator de Processo Material. Isso reforça a premissa de que o agressor controlava as relações interpessoais da vítima. A filha do casal é representada por Passivação (xiii) e por Circunstancialização, em (xi). A vítima se representa por Ativação e Passivação em diversos momentos.

Em relação aos Processos Relacionais, foram identificadas seis ocorrências. Nesse contexto, é interessante destacar que há Exclusão do agressor por Encobrimento em "é um fantasma que me persegue". A vítima também estabelece relações acerca de outros aspectos que constituem o relato.

Tabela 18 – Representação das relações – processos relacionais

Vítima	Vítima e agressor	Outros
(i) <u>Tive</u> um relacionamento de 12 anos, onde, como a maioria no início era maravilhoso.	(ii) Depois de 7 anos juntos, <u>tivemos</u> uma filha...	
(iii) ... <u>ser</u> vaidora...		(iv) ... [parar de trabalhar] <u>foi</u> a pior coisa que fiz. (v) ... ela [a filha] só <u>tem</u> 11 anos. (vi) ... <u>é</u> um fantasma que me persegue [a violência]

Fonte: elaborado pela autora

Os Processos Mentais Identificados foram seis. A vítima inclui agressor no discurso ao citar as implicações psicológicas decorrentes, em (ii) (iii), por Passivação como em "estupro".

Representa a si mesma por Passivação em "sofri uma agressão na frente de nossa filha", neste caso a agência do agressor é excluída por Encobrimento.

Tabela 19 – Representação da experiência interna:
Processos Mentais

Vítima	Agressor
	(i) me vigiava
(ii) vi que ele sempre foi abusivo desde o início, só que era sutil.	
(iii) Hoje, sofro com estresse pós-traumático, principalmente por ter entendido que quando ele me obrigava a manter relações sexuais com ele era estupro.	
(iv) Cheguei a pensar em suicídio porque não via outra forma de me separar dele..	
(v) ...por minhas filhas resolvi lutar ...	
(vi) mesmo depois de separada sofri uma agressão na frente de nossa filha.	

Fonte: elaborado pela autora

Identificaram-se dois Processos Existenciais. É interessante notar a contextualização dos abusos a partir do nascimento da filha em (i), o que constitui uma evidência de que a maternidade pode ser um contexto de situação com mais propensão à ocorrência da violência psicológica contra mulheres. A agência do agressor é excluída por Supressão em (ii).

(i) [tivemos uma filha] e aí **começaram** os abusos.

(ii) **Tem** mais coisas que posso não estar lembrando agora...

Por fim, houve uma ocorrência de Processo Verbal, é possível observar novamente o comportamento controlador do agressor(i).

(i) [ele ficava me ligando] me **perguntando** se eu ia demorar

QUADRO 7 - Ao se casar

O contexto que vivi	foi	um casamento de 15 anos.	Em que não era para eu trabalhar e nem fazer nada que chamasse a atenção sobre mim.
Portador	Processo Relacional Intensivo Identificativo	Atributo	Circunstância de contingência (condição)
Em diversas ocasiões em que eu queria trabalhar,	ouvia	mil e uma dificuldades	para impedir que eu saísse.
Circunstância de extensão (frequência)	Processo Mental Perceptivo [eu] Experienciador	Fenômeno	Circunstância de causa (finalidade)
Eu	ouvia:	você não vai conseguir, não vai dar conta.	Fazíamos
Experienciador	Processo Mental Perceptivo	Oração Projetada	Processo Relacional Intensivo Atributivo [nós] Portador
parte de uma comunidade religiosa em que eu tinha um cargo como professora de crianças e fazia parte de equipes diversas na igreja.			Eu não podia falar
Atributo			Dizente Processo Verbal
com as pessoas,	Nem sorrir	pois ouvia:	precisa dessa alegria toda?
Receptor	Processo Comportamental [eu] Comportante	Processo Mental Perceptivo [eu] Experienciador	Citação
Quando tinha possibilidades de fazer alguma coisa em que precisava ir à frente na igreja,	ele	criava	situações em que a família devia ser priorizada
Circunstância de extensão (frequência)	Ator	Processo Material Transitivo Criativo	Meta
e eu	tinha que abrir mão	e	Ele
Experienciador	Processo Mental Cognitivo (desistir)		Experienciador

lembrava	que	eu era dona de casa e mãe de família e deveria priorizar a família.			Entre trancos e barrancos
Processo Mental Cognitivo		Oração Projetada			Circunstância de contingência (condição)
passei	no vestibular	para o curso de Letras			não recebi
Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Circunstância de Causa (Finalidade)			Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Beneficiário
parabéns	pela aprovação.	Conclui			a faculdade
Meta	Circunstância de causa (razão)	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator			Meta
sem liberdade de participar de trabalhos de grupo fora da faculdade. Sem participar de movimentos culturais como gostaria.	Comecei a trabalhar	numa grande empresa			e
Circunstância de contingência (falta)	Processo Material Intransitivo Transformativo [eu] Ator	Circunstância de Localização (Lugar)			
a carga de trabalho	era	terrível,	pois ele	exigia	muito
Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	[o trabalho] Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Circunstância de Modo (Grau)
Cada promoção no trabalho	era confrontada	com situações de dificuldade em casa, do tipo “adianta ser tão boa no trabalho e em casa ser uma péssima dona de casa?”.			
Verbiagem	Processo Verbal [ele] Ator Dizente	Circunstância de Modo (Comparação)			
Ele	Fazia comentários		sobre minhas roupas		
Ator	Processo verbal		Circunstância de assunto		
e	se fosse vermelha era roupa de puta.	Eu		era obrigada	

		Circunstância de contingência (condição)		Ator		Construção Causativa na voz passiva, com iniciador não expresso.
a usar	roupas folgadas	pois se mostrasse meu corpo	ele	Perguntava	para quem eu queria me amostrar.	Quando eu saia
Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta	Circunstância de causa (Razão)	Dizente	Processo Verbal	Verbiagem	Circunstância de localização (tempo)
evitava	olhar as pessoas,	evitava	olhar em minha volta.			
Processo Mental Desiderativo [eu] Experienciador	Fenômeno	Processo Mental Desiderativo [eu] Experienciador	Fenômeno			
Eu	era vigiada	o tempo inteiro.	Quando conversava com alguém,			
Fenômeno	Processo Comportamental [ele] Comportante	Circunstância de extensão (frequência)	Circunstância de extensão (frequência)			
não podia demonstrar	conhecimento,	pois em casa	eu	recebia recriminação	Dele	dizendo que eu queria me amostrar, aparecer, eu queria ser melhor que os outros.
Processo Verbal [eu] Dizente	Verbiagem	Circunstância de Localização (Local)	Alvo	Processo Verbal	Dizente	Circunstância de modo (qualidade)
Eu	não sabia	o que queria	naquele momento da vida.			
Experienciador	Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	Circunstância de localização (tempo)			
Sabia	apenas	que não queria continuar.	Quando comecei nessa grande empresa			
Processo Mental Cognitivo	Circunstância de modo (grau)	Oração Projetada	Circunstância de localização (tempo)			
era	estagiária.	Quando terminei a faculdade	fui contratada			

Processo Relacional Intensivo Atributivo [eu] Portador	Atributo	Circunstância de localização (tempo)	Processo Material Intransitivo Transformativo [eu] Meta
e	recebi	a proposta de trabalhar em outra cidade por 45 dias.	Aceitei
	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Beneficiário Cliente	Meta	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator [a proposta de trabalho] Meta
e	somente	informei	a minha decisão.
	Circunstância de modo (qualidade)	Processo verbal [eu] Dizente	Verbiagem
Chutei	o balde	e	Ele
Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta		Experenciador
percebeu	que eu já não era a mesma.	Ele	começou a falar
Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	Dizente	Processo Verbal
que	eu não encontraria ninguém como ele.	Ele	era
	Relato	Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo
grosseiro, machista e inseguro	e	tinha	dificuldades diversas.
Atributos		Processo Relacional Intensivo Atributivo [ele] Possuidor	Atributo
O fato de ter uma esposa que fazia faculdade, trabalhava e se destacava,	incomodava	ele	muito.

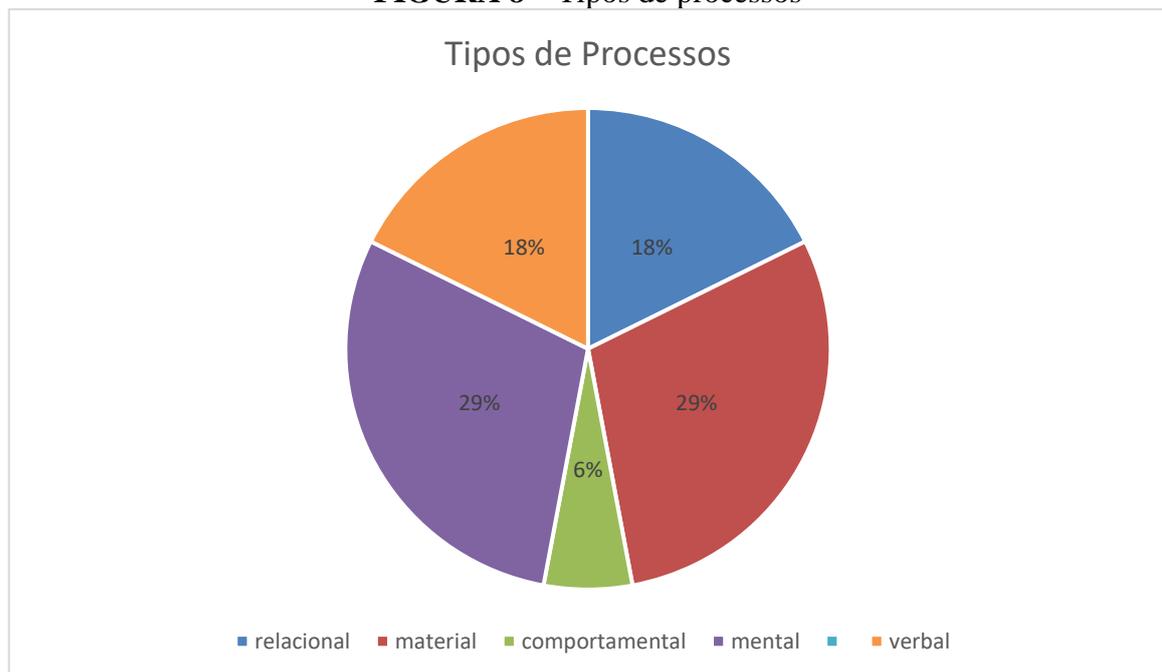
Fenômeno	Processo Mental Emotivo	Experenciador	Circunstância de modo (grau)			
A forma que ele tinha	era	tentar minar minhas bases,	atacando minha autoestima, a imagem que eu tinha de mim mesma.			
Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	Circunstância de modo (qualidade)			
Naquele momento	eu me	sentia	mal,			
Circunstância de localização (tempo)	Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo			
pois ele	atribuía	culpa de coisas que eu não tinha feito.	Eu	me	adequava	
Dizente	Processo Verbal	Verbiagem [eu] Alvo	Ator	Meta	Processo Material Transitivo Transformativo	
para evitar constrangimentos,	pois	ele	tentava me humilhar	em público.	Era	a forma que ele tinha de se sentir por cima.
Circunstância de causa (finalidade)	Comportante	Processo Comportamental	Circunstância de Modo (Meio)	Processo Relacional Intensivo Identificativo [humilhar em público] Portador	Identificador	
Há 20 anos	encerrei	esse relacionamento de 15 anos.		Eu		
Circunstância de localização (tempo)	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta	Experenciador			
não sabia	o que queria	naquele momento,	sabia			
Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	Circunstância de localização (tempo)	Processo Mental Cognitivo [eu] Experenciador			
que não queria continuar casada com ele.	Pouco tempo depois	o casamento	acabou.			

Fenômeno	Circunstância de localização (tempo)	Ator	Processo Material Intransitivo Transformativo
----------	--------------------------------------	------	---

Fonte: elaborado pela autora

O quadro 7 apresenta processos que se desenrolam em um contexto de situação em que a vítima está em um casamento. Foram identificados Processos Relacionais, Processos Materiais, Processos Comportamentais e Processos Mentais, conforme ilustrado pela figura 8.

FIGURA 8 – Tipos de processos



Fonte: elaborado pela autora

Identificaram-se nove Processos Relacionais.. A mulher introduz o agressor e a si mesma em (ii), por Especificação e Assimilação, como parte de uma comunidade religiosa. O agressor é representado por Ativação em Processos Relacionais em (v) e (vi), a vítima estabelece uma relação entre atributos do agressor e a agência, em (vii) e (ix), por exemplo, “a forma que ele tinha [de não se sentir inferior] era tentar minar minhas bases, atacando minha autoestima, a imagem que eu tinha de mim mesma”.

Tabela 20 – Representação das relações: Processos Relacionais

Vítima	Agressor	Ambos	Outros
			(i) O contexto que vivi foi um casamento de 15 anos.

(ii) **Fazíamos**
parte de uma
comunidade
religiosa em que
eu tinha um cargo
como professora
de crianças e fazia
parte de equipes
diversas na igreja.

(iii) ... a carga de
trabalho **era** terrível,
pois ele [o trabalho]
exigia muito.

(iv) quando comecei
nessa empresa **era**
estagiária.

(v) Ele **era** grosseiro,
machista e inseguro

(vi) [ele] **tinha**
dificuldades diversas.

(vii) A forma que ele
tinha [de não se
sentir inferior] **era**
tentar minar minhas
bases, atacando
minha autoestima, a
imagem que eu tinha
de mim mesma.

(viii) Naquele
momento eu me **sentia**
mal

(ix) **Era** a forma que
ele tinha de se sentir
por cima [a
violência].

Fonte: elaborado pela autora

No que se refere aos processos materiais, foram identificados 15. A família, enquanto instituição, é introduzida no discurso por Circunstancialização em (i). Em (vii), a agencia do

agressor é excluída por Supressão, “concluí a faculdade sem liberdade de participar de trabalhos de grupo fora da faculdade”. O agressor é socialmente representado no papel de Agente Iniciador, em desconformidade com a agência gramatical, pois a vítima evitava engajar-se em processos por determinação do mesmo, em (vii).

Tabela 21 – Representação da experiência externa: Processos Materiais

Vítima	Agressor	Outros
	(i) Quando [eu] tinha possibilidades de fazer alguma coisa em que precisava ir à frente na igreja, ele <u>criava</u> situações em que a família deveria ser priorizada.	
(ii) entre trancos e barrancos <u>passsei</u> no vestibular para o curso de letras...	(iii) não <u>recebi</u> [dele] parabéns pela aprovação.	
(iv) <u>concluí</u> a faculdade sem liberdade de participar de trabalhos de grupo fora da faculdade. Sem participar de movimentos culturais, como gostaria.		
(v) <u>Comecei a trabalhar</u> numa grande empresa		(vi) pois ele [o trabalho] <u>exigia</u> muito.
	(vii) <u>Eu era obrigada [por ele]</u> a usar... (construção causativa na voz passiva)	
(viii) <u>usar</u> roupas folgadas, pois se mostrasse meu corpo ele perguntava pra quem eu queria me amostrar.		

(ix) Quando terminei a faculdade fui contratada...

(x) e recebi a proposta de trabalhar em outra cidade por 45 dias.

(xi) aceitei [a proposta de trabalho]

(xii) chutei o balde...

(xiii) eu me adequava para evitar constrangimentos, pois ele tentava me humilhar em público.

(xiv) Há 20 anos encerrei esse relacionamento de 15 anos.

Fonte: elaborado pela autora

Observaram-se três Processos Comportamentais. Em (i) o agressor é excluído por Supressão e em (iii) é Encoberto, a vítima é representada por Passivação. Nesse caso, a violência consistia em reprimir o comportamento da vítima, de forma sutil e controlar suas ações, como demonstrado em (ii).

(i) Eu não podia falar com as pessoas nem sorrir...(ii) era vigiada o tempo inteiro.

(iii) Ele tentava me humilhar em público...

A análise apresentou 13 Processos Mentais. É interessante destacar novamente a família representada por Circunstancialização para justificar o comportamento controlador, sendo o agressor representado por Ativação. A vítima é representada como Experienciadora por Passivação, e o agressor é Encoberto em (i), (ii), (iii). Em (x), há a representação do agressor, pelo sentimento de incômodo, o que na representação da experiência material tomou forma de circunstância para a violência.

Tabela 22 – representação da experiência interna – Processos Mentais

Vítima

Agressor

-
- (i) em diversas ocasiões em que eu queria trabalhar, ouvia mil e uma dificuldades para impedir que eu saísse.
- (ii) eu ouvia: você não vai conseguir, não vai dar conta.
- (iii) ouvia: precisa dessa alegria toda?
- (iv) ... Eu tinha que abrir mão...
- (v) ... E ele lembrava que eu era dona de casa e mãe de família e deveria priorizar a família.
- (vi) ... Quando saía evitava olhar as pessoas
- (vii) ... Não sabia o que queria aquele momento...
- (viii) ... Sabia apenas que não queria continuar.
- (ix) ... Ele percebeu que eu já não era a mesma.
- (x) O fato de ter uma esposa que fazia faculdade, trabalhava e se destacava, incomodava ele muito.
- (xi) Ele tentava me humilhar
- (xii) eu não sabia o que queria naquele momento...
- (xiii) sabia que não queria continuar.

Fonte: elaborado pela autora

Houve ocorrência de nove processos verbais. Nota-se que o controle que o agressor exercia sobre a vítima, como em (ii), “cada promoção no trabalho era confrontada [por ele] com situações de dificuldade em casa, do tipo “adianta ser tão boa no trabalho e em casa ser uma péssima dona de casa?”, é uma forma sutil de manter a vítima presa à função doméstica, o que precede a dependência econômica e isolamento, dando mais poder ao agressor sobre a mulher. Em (viii) a vítima relata uma fala do agressor em que se representa por Diferenciação, ao mesmo tempo em que diminui a autoimagem da vítima.

Tabela 23 – representação da experiência do dizer – Processos verbais

Vítima	Agressor
(i) Eu não podia falar com as pessoas...	
(ii) Era confrontada com situações de dificuldade em casa do tipo “adianta ser tão boa no trabalho e em casa ser uma péssima dona de casa?”....	
	(iii) Ele fazia comentários sobre minhas roupas...
	(iv) ele perguntava para quem eu queria me amostrar.
(v) Não podia demonstrar conhecimentos ...	
(vi) recebia recriminação dele	
(vii) somente informei minha decisão...	
	(viii) ...ele começou a falar que eu não encontraria ninguém como ele....
(ix) ele atribuía culpa de coisas que eu não tinha feito.	

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 8 - Ao existir

Todo mundo que eu me envolvi	Já	me	trouxe
Ator		Beneficiário Cliente	Processo Material Transitivo Transformativo
um trauma psicológico.	Vou	te	contar
Meta	Dizente	Receptor	Processo verbal
a primeira vez.	Eu	tinha	16 anos
Circunstância de localização (tempo)	Identificado	Processo Relacional Intensivo Identificativo	Identificador

e	Já	era	mãe,
		Processo Relacional Intensivo Atributivo [eu] Portador	Atributo
por opção minha.	Morava	com o pai do meu filho mais velho,	no começo
Circunstância de causa (razão)	Processo Material Intransitivo Transformativo [eu] Ator	Circunstância de acompanhamento (companhia)	Circunstância de localização (tempo)
eu	achava	que era só ciúmes,	sabe?
Experienciador	Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	
Mas	ele	não deixava	eu trabalhar,
	Agente iniciador	Processo Causativo	[eu] Ator [trabalhar] Processo Material Intransitivo Transformativo
eu	não fazia	cabelo,	eu
Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Ator
não fazia	unha,	eu	não comprava
Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo
roupas novas	porque ele não deixava.	Eu	era
Meta	Circunstância de causa (razão)	Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo
doida pra entrar na academia	porque eu sempre fui magrinha	e	eu
Atributo	Circunstância de causa (razão)		Experienciador
queria	criar corpo,	porque pra mim meu corpo era muito seco,	mas

Processo Mental Desiderativo	Fenômeno	Circunstância de causa (razão)	
Ele	botou	na minha cabeça	que quem malhava era puta, e que eu não era puta.
Dizente	Processo Verbal	Escopo-processo	Oração Projetada
Ele	botou	na minha cabeça	que pra eu ficar segura eu tinha que me trancar toda,
Dizente	Processo Verbal	Escopo-processo	Oração projetada
então eu não abria as janelas de casa e nem a porta pra entrar ar.	Quando era pra comprar roupa,	ele	que comprava
Circunstância contingencial (condição)	Circunstância de localização (tempo)	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo
roupas	no brechó	para mim,	umas roupas bem antigas de velha.
Meta	Circunstância de localização (lugar)	Beneficiário Recebedor	Atributo Descritivo
e	me	perdoa	se eu me emocionar,
	Alvo	Processo Verbal	Circunstância Contingencial (condição)
porque é muito forte contar essas coisas.	Hoje	Eu	tenho
Circunstância de causa (razão)	Circunstância de localização (tempo)	Possuidor	Processo Relacional Atributivo Possessivo
preconceito com gente barriguda	porque eu era magrinha, magrinha,	se eu mostrar uma foto	você
Atributo	Circunstância de causa (razão)	Circunstância contingencial (condição)	Experienciador

vai ver	que eu era magrinha.	Tinha acabado de ganhar	nenê
Processo Mental Perceptivo	Oração Projetada	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	[nenê] Meta
e	Fiquei	inchadinha,	ele
	Processo Relacional Intensivo Atributivo [eu] Portador	Atributo	Dizente
botava	na minha cabeça	que a minha barriga era enorme, que eu era ridícula, que se eu separasse dele ninguém ia me querer, que meu cabelo era feio, que não tinha porque fazer nada com o cabelo, que o meu cabelo tinha que ficar do jeito que estava.	Enfim,
Processo Verbal	Escopo-processo	Oração Projetada	
isso tudo	eu	desenvolvi,	eu
Meta	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Experienciador
não sei	o nome da doença,	eu	tenho
Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	Possuidor	Processo Relacional Possessivo Atributivo
obsessão por beleza,	Eu	tenho	pavor de gente gorda,
Atributo	Experienciador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo
eu	sou	gordofóbica.	Eu
Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	Experienciador
criei	um preconceito	com meu próprio cabelo.	Se eu não tiver com o cabelo feito com mega hair,

Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	Circunstância de causa (Benefício/representação)	Circunstância contingência (condição)
eu	não saio	de casa.	Pode parecer
Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Escopo-entidade	Processo Relacional Intensivo Atributivo [se não tiver com cabelo feito, não saio de casa] Portador
bobagem,	mas	é	um trauma que eu desenvolvi.
Atributo		Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo
Eu	passei	em uma prova	na IBEST,
Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Circunstância de localização (local)
é	uma escola especialista em logística	aqui em Madureira mesmo,	e
Processo Relacional Intensivo Atributivo [IBEST] Portador	Atributivo	Circunstância de localização (lugar)	
eu	só	quis entrar	por passar na prova,
Experienciador	Circunstância de modo (grau)	[entrar] Fenômeno [quis] Processo Mental Desiderativo	Circunstância de causa (razão)
e	eu	não consegui ficar	porque o meu cabelo era crespo e todas as meninas tinham o cabelo liso,
	Portador	Processo Relacional Atributivo Circunstancial	Circunstância de causa (razão)
e	o senhor	falou	pra mim

	Dizente		Processo Verbal		Receptor
“Você não se encaixa no nosso perfil”,	Voltei		pra casa		arrazada,
Citação	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator		Escopo-entidade		Atributo Descritivo
e	ele		começou a colocar		mega hair
	Ator		Processo Material Transitivo Transformativo		Meta
em mim	direto,	e então eu	não consigo me enxergar	eu mesma de black	Hoje,
Beneficiário Recebedor	Circunstância de extensão (frequência)	Experientador	Processo Mental Perceptivo	Fenômeno	Circunstância de localização (tempo)
eu	sou		depressiva,		tenho
Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo		Atributo		Processo Relacional Intensivo Atributivo[eu] Portador
crise de ansiedade,	não tenho		noites de sono tranquilas,		pois eu tento me culpar pelas coisas que ele fez comigo, tipo me pedindo para abortar na segunda gravidez,
Atributo	Processo Relacional Intensivo Atributivo [eu] Portador		Atributo		Circunstância de causa (razão)
ele	não		me		obrigou,
Agente Iniciador			Ator [abortar] Processo Material Transitivo Transformativo		Processo Causativo
mas	pediu		de um jeito que eu não tinha como recusar.		Eu

	Processo Verbal [ele] Dizente [para abortar] Verbiagem/Processo Material Intransitivo Transformativo [eu] Ator	Circunstância de modo (qualidade)	Dizente
nunca	denunciei	nada	porque ninguém faz nada.
Circunstância de extensão (frequência)	Processo Verbal	Verbiagem	Circunstância de causa (razão)
Um dia,	Eu	me	irritei
Circunstância de localização (tempo)	Experienciador		Processo Mental Emotivo
e	coloquei	ele	pra fora.
	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta	Circunstância de localização (lugar)
Ele	deixou	eu e meu filho	sem água e sem comida
Agente Iniciador	Processo Causativo	Portador	Possuído [ficar] Processo Relacional Atributivo Possessivo
por alguns dias,	por conta disso.	Ficamos	uma semana
Circunstância de extensão (frequência)	Circunstância de causa (razão)	Processo Relacional Intensivo Atributivo [nós]Portador	Atributo Circunstancial
sem comer e sem beber água.	Fui	atrás das amigas que eu achava que eu tinha, que comiam da minha comida,	ela

Circunstância de Contingência (omissão)	Processo Material Intransitivo Transformativo [eu] Ator	Escopo-entidade	Ator
tampou	uma panela enorme de comida	e	disse
Processo Material Transitivo Transformativo	Meta		Processo Verbal
“é só pro meu marido”.	Eu	não pedi	para mim,
Citação	Dizente	Processo Verbal	Alvo
só	para meu filho.	O pai do meu filho	disse
circunstância de modo (grau)	Alvo	Dizente	Processo Verbal
“esse mês eu pago o aluguel, no próximo mês você se vira”.	Eu	não tinha	água
Citação	Possuidor	Processo Relacional Atributivo Possessivo	Atributo
para dar banho no meu filho.	Ele	só	tinha
Circunstância de causa (finalidade)	Portador	Circunstância de modo (grau)	Processo Relacional Intensivo Identificativo
um ano.	Um dia,	eu	fui
Identificador	Circunstância de localização (tempo)	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo
atrás de comida	para o meu filho	na casa de uma amiga que não estava em casa,	cansada de esperar
Meta	Beneficiário Recebedor	Circunstância de localização (local)	Circunstância de modo (qualidade)
eu	resolvi	ir embora	à noite,

Experienciador	Processo Mental Cognitivo	Fenômeno	Circunstância de localização (tempo)
nessa ocasião	três caras	começaram a me seguir	e
Circunstância de contingenciamento (condição)	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo [me] Meta	
me	abordaram	com faca,	dizendo
Meta	Processo Material Transitivo Transformativo [eles] Ator	Circunstância de modo (meio)	Processo Verbal
pra eu ir junto com eles, ou matariam meu filho.	Todas as barbaridades que você possa imaginar	eu	passei
Relato	Atributo	Portador	Processo Relacional Atributivo Intensivo
naquele dia,	eles	apagavam	cigarro
Circunstância de localização (tempo)	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta
na minha vagina,	me	davam	choque
Circunstância de localização (local)	Beneficiário Recebedor	Processo Material Transitivo Transformativo [eles] Ator	Meta
na vagina,	eles	me	batiam
Circunstância de localização (local)	Ator	Meta	Processo Material Transitivo Transformativo
muito,	meu bebê	ficou	impressionado
Circunstância de modo (grau)	Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo
e	tentou	me	ajudar,
	Processo Material Transitivo Transformativo	Beneficiário Cliente	Meta
um dos rapazes	bateu	nele	e

Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	
jogou	ele	longe,	ele
Processo Material Transitivo Transformativo [um dos rapazes] Ator	Meta	Circunstância de extensão (distância)	Portador
ficou	paralisado.	meu filho	ficou
Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	Portador	Processo Relacional Atributivo
um mês	sem dizer uma palavra	depois disso.	No desespero
Atributo Circunstancial	Circunstância de contingência (falta)	Circunstância de localização (tempo)	Circunstância de contingência (condição)
eu	liguei	pro pai do meu filho,	por medo,
Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Circunstância de causa (razão)
e	fui	pra casa dele,	Chegando lá
	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Meta	Circunstância de localização (local)
ele	me	ouviu,	me
Ator	Fenômeno	Processo Mental Perceptivo	Alvo
abraçou,	e	ele	me
Processo Comportamental [ele] Comportante		Agente Iniciador	Ator
obrigou	a ter relação com ele,	mesmo naquele estado,	enquanto dizia que a culpa de ter sido estuprada era minha, por ter saído arrumada.
Processo Causativo	Processo Relacional Atributivo	Circunstância de contingência (condição)	Circunstância de modo (qualidade)

Hoje,	eu	não sou	gorda,	
Circunstância de localização (tempo)	Portador	Processo Relacional Intensivo Atributivo	Atributo	
eu	tenho	um corpo padrão que a sociedade almeja.	Só que como eu perdi um bebê recentemente	
Portador	Processo Relacional Atributivo Possessivo	Atributo	Circunstância de Contingência (Condição)	
eu	estou	avantajada.	Eu	
Portador	Processo Relacional Intensiva Atributiva	Atributo	experienciador	
não consigo confiar	totalmente	nas pessoas	pois	
Processo Mental Cognitivo	Circunstância de modo (grau)	Fenômeno	Circunstância de causa (razão)	
sempre	me	depciono	e retorno	
Circunstância de localização (frequência)	Experienciador	Processo Mental Emotivo	Processo Mental Cognitivo	
ao meu passado.	Apesar de ser preta,	eu	só me	
Fenômeno	Circunstância de Contingência (Concessão)	Ator	Circunstância de Contingência (Falta)	Meta
relaciono	com homens de pele clara,	Dizem	que sou racista,	
Processo Material Transitivo Transformativo	Beneficiário Cliente	Processo Verbal [alguém] Dizente	Oração Projetada	
mas	é	um trauma,	todos os caras que me agrediram	
	Processo Relacional Intensivo Atributivo [não se relacionar com homem preto]	Atributo	Ator	

naquela noite	eram		pretos.		Primeira coisa que	o pai do meu filho	
Circunstância de localização (tempo)		Processo Relacional Intensivo Atributivo		Atributo		Verbigem	Dizente
disse	quando ele nasceu	foi	“olha, uma negra alimentando uma criança branca”.		Minha sogra,		
Processo Verbal	Circunstância de localização (tempo)		Citação		Dizente		
quando as coisas sumiam de casa,	me		acusava,		dizendo		
Circunstância de extensão (frequência)	Alvo		Processo verbal		Processo Verbal [minha sogra] Dizente		
que roubar é coisa de preto.	Quando ela via meu filho na rua,		ela		dava		
Relato	Circunstância de extensão (frequência)		Ator		Processo Material Transitivo Transformativo		
uma banana	pra ele,		e		na gravidez		
Meta	Beneficiário Receptor				Circunstância de localização (tempo)		
dizia	que se nascesse preto, ela ia dar um caminhão de banana.		Dizia		que o filho dela merecia coisa melhor.		
Processo Verbal [ela] Dizente	Relato		Processo Verbal [ela] Dizente		Relato		
Ela	dizia		que lugar de mulher negra era atrás do fogão e não querendo fisgar homem claro, que se eu não alisasse meu cabelo, nunca conseguiria emprego em lugar nenhum.		Com 18 anos		
Dizente	Processo Verbal		Relato		Circunstância de Localização (Tempo)		

me	revoltei	com tudo,	chutei o balde
Experienciador	Processo Mental Emotivo	Fenômeno	Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator [balde] Meta
e entrei	em um puteiro,	não era porque queria fazer dinheiro,	era porque queria morrer.
Processo Material Transitivo Transformativo [eu] Ator	Escopo Entidade	Circunstância de causa (razão)	Circunstância de causa (razão)
Todas as noites quando a boate fechava	eu	caia no choro	e
Circunstância de localização (tempo)	Comportante	Processo Comportamental	
aquilo	me	machucava	muito.
Ator	Meta	Processo Material Transitivo Transformativo	Circunstância de modo (grau)
Meu filho	sempre	diz	“quando crescer, vou matar meu pai”,
Dizente	Circunstância de extensão (frequência)	Processo Verbal	Citação
e	todo aniversário	ele	Pergunta
	Circunstância de extensão (frequência)	Dizente	Processo Verbal
se falta muito para ser adulto.	Ele	diz	“vou crescer, vou comprar uma arma e vou matar ele”.
Relato	Dizente	Processo Verbal	Citação
Eu	tento	tirar esse ódio dele,	mas
Experienciador	Processo Mental Desiderativo	Fenômeno	

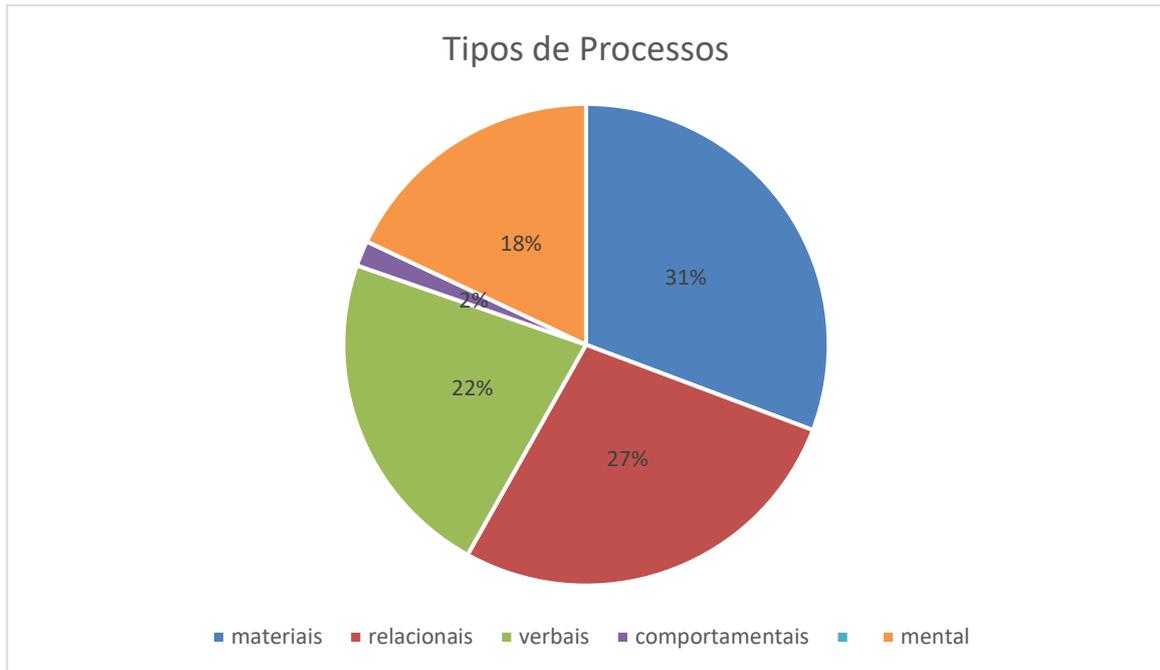
ele	não esquece.	Estou contando	tudo isso
Experienciador	Processo Mental Cognitivo	Processo Verbal [eu] Dizente	Verbiagem
com uma lágrima na pontinha do olho.	O que	eu	fiz
Circunstância de modo (qualidade)	Meta	Ator	Processo Material Transitivo Transformativo
para merecer que três homens me estupassem?	É	muito pesado.	As pessoas
Circunstância de causa (razão)	Processo Relacional Intensivo Atributivo [a experiência] Portador	Atributo	Dizente
dizem	para esquecer o passado,	mas	a gente
Processo Verbal	Oração Projetada		Ator
vive	em uma sociedade onde uma mulher preta e pobre conquista as coisas, é porque ela abriu as pernas,	mas	ninguém
Processo Material Intransitivo Transformativo	Circunstância de Localização (lugar)		Dizente
fala	sobre o que fizeram com ela no passado.	Todo mundo	vê
Processo Verbal	Verbiagem	Experienciador	Processo Mental Perceptivo
a menina que se prostituiu,	mas	ninguém	vê
Fenômeno		Experienciador	Processo Mental Perceptivo
a menina que teve que sobreviver	e	hoje,	não tem
Fenômeno		Circunstância de localização (tempo)	Processo Relacional Atributivo Possessivo

			[a menina] Possuidor
uma casa para morar, um emprego,	ninguém	tenta olhar	o porquê estou vivendo isso hoje.
Atributo	Experienciador	Processo Mental Cognitivo	Fenômeno
O crime psicológico	afeta	a vida inteira de uma mulher.	Se eu dormir e a noite lembrar de algo do passado,
Ator	Processo Material Transitivo Transformativo	Meta	Circunstância de contingenciame nto (condição)
no outro dia	meu dia inteiro	estará acabado.	Foi
Circunstância de localização (tempo)	Ator	Processo Material Intransitivo Transformativo	Processo Relacional Intensivo Atributivo
horroroso	o meu passado,	mas	foi
Atributo	Portador		
bom	falar sobre tudo isso,	sinto	alívio.
	[falar] Processo Verbal [tudo isso] Verbiagem	Processo Mental Emotivo [eu] Experienciador	Fenômeno

Fonte: elaborado pela autora

O quadro 8 detalha processos que se desenrolam em diversos contextos de situação na vida de uma mulher negra e pobre. Para além da quantificação de processos, interessa ressaltar que, ao identificar este relato de violência psicológica “Ao existir”, considerou-se que a experiência de vida desta mulher é marcada pela violência misógina somada à violência racista e classista, esses os tipos de violência não puderam ser fragmentados e analisados isoladamente nessa perspectiva ideacional. Observaram-se Processos Materiais, Processos Relacionais, Processos Mentais, Processos Verbais, Processos Comportamentais e Existenciais, conforme ilustrado no gráfico 7.

FIGURA 9 – Tipos de processos



O este relato abrange múltiplos cenários e atores sociais, a violência psicológica contra a mulher é atravessada pela de classe social e pela de raça, optou-se pelo marcador “ao existir”, uma vez que tais experiências não puderam ser fragmentadas, sendo cada contexto de situação parte de uma mesma narrativa interseccional. Foram identificados 39 Processos Materiais.

Tabela 24 – Representação da experiência externa: processos materiais

Vítima	Agressores	Filho	Outros	Violência
	(i) Todo mundo que eu me envolvi já me <i>trouxe</i> um trauma psicológico.			
	(ii) <i>Morava</i> com o pai do meu filho mais velho.			
	(iii) ... ele não <i>deixava</i> eu trabalhar. (Causativo)			
	(iv) eu não <i>fazia</i> cabelo...			

(v) ... eu não
fazia unha...

(vi) ... eu não
comprava roupas
novas...

(vii) Ele que
comprava roupas
no brechó pra
mim...

(viii) Tinha
acabado de
ganhar nenê...

(ix) ...isso tudo
eu **desenvolvi...**

(x) ...eu não **saio**
de casa...

(xi) ...eu **passei**
em uma prova na
ibest...

(xii) ...**voltei** pra
casa arrazada...

(xiii) ...ele
começou a
colocar mega hair
em mim...

(xiv) Ele **não me**
obrigou a
abortar...
(Causativo)

(xv) ...**abortar**...

(xvi) ... **coloquei**
ele pra fora.

(xvii) **Fui** atrás
das amizades

que eu achava
que tinha...

(xviii) ... ela
tampou uma
panela enorme
de comida...

(xix) Um dia eu
fui atrás de
comida pro meu
filho na casa de
uma amiga...

(xx) três caras
começaram a me
seguir...

(xxi) me
abordaram com
faca...

(xxii) ... eles
apagavam cigarro
na minha vagina...

(xxiii) ... me
davam choque na
vagina...

(xxiv) ... eles me
batiam muito...

(xxv) **tentou**
me ajudar...

(xxvi) ... um dos
rapazes **bateu**
nele...

(xxvii) ... **jogou**
ele longe...

(xxviii) No
desespero, eu
liguei pro pai do
meu filho...

(xxix) ... e fui
pra casa dele...

(xxx) me
obrigou...
(Causativo)

(xxxi) Apesar de
ser preta, eu só
me relaciono
com homens de
pele clara.

(xxxii) Quando ela
via meu filho na
rua, ela dava uma
banana pra ele...

(xxxiii) Chutei o
balde...

(xxxiv) ... entrei
em um puteiro...

(xxxv) ...
aquilo me
machucava
muito.

(xxxvi) o que eu
fiz pra merecer
que três homens
me estupassem?

(xxxvii) a gente
vive em uma
sociedade...

(xxxiii) O
crime
psicológico
afeta a vida
inteira de
uma mulher.

(xxix) o meu dia
estará acabado.

Fonte: elaborado pela autora

Há representação de mais de um agressor, início pelo que é identificado como “pai do filho mais velho”, que é representado por Ativação deixando a vítima e o filho sem comer. Este agressor também é representado como Agente Iniciador, fazendo com que a mulher deixasse de se engajar em processos materiais de autocuidado, como em (iv), (vi) e (x), ou em (xxx), ao obrigar a vítima a ter relações sexuais.

A mulher introduz o filho do casal no discurso, representado por Passivação sendo afetado por processos engajados por outros atores, como por exemplo em (xxiv) ou em (xxv), “um dos rapazes bateu nele”, por Circunstancialização, em (xxx), “quando ela via meu filho na rua, ela dava uma banana pra ele”, e por Ativação, em (xxiv), “tentou me ajudar”. A criança também é vítima de violência psicológica e física.

A vítima representa a si mesma por Ativação em diversos momentos, e por Passivação diante do comportamento controlador e destrutivo do pai de seu filho. É interessante destacar que em (xxxvi) a vítima questiona sua própria agência a fim de compreender o motivo de ser violentada, “o que eu fiz pra merecer que três homens me estuprassem?”.

Outros agressores são citados de (xxv) a (xxix), por Ativação e Gericização, e em (xxxv), “aquilo me machucava muito”, por Indeterminação. Há também figura da sogra da mulher, que é representada por Ativação em Processos Materiais em (xxxii), em ataques racistas contra a vítima e seu filho.

Foram identificados 32 Processos Relacionais. A vítima representa a si mesma em Processos Relacionais que evidenciam uma autoimagem negativa, em decorrência da violência psicológica, por Ativação, em (vii), “eu sou gordofóbica”, (v), “fiquei inchadinha”, (xiii), “sou depressiva”, e (xxvi), “estou avantajada”. A mulher também se encobre no discurso ao citar que “não tem uma casa para morar”, em (xxx). Da mesma forma, o filho é representado relacionado às consequências e sequelas da violência, como em (xx) e em (xxi).

Há apenas um Processo Relacional cujo participante é agressor, é o caso de (xxvii), em que a vítima relata que “todos os caras que me agrediram aquela noite eram pretos”, por Especificação e Coletivização.

Tabela 25 – Representação das relações – Processos Relacionais

Vítima	Agressor	Filho
(i) Eu <u>tinha</u> 16 anos...		
(ii) ... já <u>era</u> mãe por opção minha.		

(iii) Eu era doida pra entrar na academia, porque eu sempre fui magrinha...

(iv) Eu tenho preconceito com gente barriguda porque eu era magrinha magrinha.

(v) Fiquei inchadinha...

(vi) ... eu tenho obsessão por beleza.

(vii) eu tenho pavor de gente gorda

(viii) ... eu sou gordofóbica.

(xii) Eu não consegui ficar...

(xiii) Hoje, eu sou depressiva...

(xiv) ... tenho crise de ansiedade...

(xv) ... não tenho noites de sono tranquilas, pois eu tento me culpar pelas coisas que ele fez comigo, tipo me pedindo para abortar na segunda gravidez...

(xvi) ...eu e meu filho [ficar] sem água e sem comida...

(xvii) ...ficamos uma semana sem comer e sem beber água.

(xviii) Eu não tinha água para dar banho no meu filho.

(xix) Ele só tinha um

(xx) ... meu bebê fico impressionado...

(xxi) ... ele ficou para...

(xxii) ... meu filho fi dizer uma palavra de

(xxiii) ...ter relação com ele...

(xxiv) Hoje, eu não sou gorda...

(xxv) ... eu tenho um corpo padrão que a sociedade almeja.

(xxvi) Só que como eu perdi um bebê recentemente, eu estou avantajada.

(xxviii) ... todos os caras que me agrediram aquela noite eram pretos.

(xxx) ... não tem uma casa para morar, um emprego...

Fonte: elaborado pela autora

Identificaram-se 21 Processos Mentais.. Entre essas figuras que representam a experiência interna, é importante destacar os itens (xvi), “todo mundo vê a menina que se prostituiu...”, (xvii), “... ninguém vê a menina que teve que sobreviver...”, e (xviii), ... ninguém tenta olhar o porquê estou vivendo isso hoje”, em que a vítima inclui a sociedade em seu discurso por Especificação e Coletivização.

Constatou-se também a representação de Processos Mentais que constituem figuras da violência psicológica, como em (x), “todas as barbaridades que você possa imaginar eu passei naquele dia”. Além disso, o filho da vítima é representado como Experienciador em (xvii), “ele não esquece [o ódio]”.

Tabela 26 – Representação da experiência interna – Processos Mentais

Vítima	Agressor	Filho	Outros
--------	----------	-------	--------

(i) ... eu achava que era só ciúmes...

(ii) ... eu queria criar corpo, porque pra mim meu corpo era muito seco.

(iii) ... se eu mostrar uma foto você vai ver que eu era magrinha.

(iv) ... eu não sei o nome da doença...

(v) ...criei preconceito com meu próprio cabelo.

(vi) ... só quis entrar por passar na prova...

(vii) **não consigo me enxergar eu mesma de black.**

(viii) Eu me irritei...

(ix) ... eu resolvi ir embora à noite...

(x) Todas as barbaridades que você possa imaginar eu passei naquele dia...

(xi) ...ele me ouviu...

(xii) ... Eu não consigo confiar totalmente nas pessoas pois sempre me decepiono e retorno ao meu passado.

(xiii) **sempre me depciono**

(xiv) e retorno ao meu passado.

(xv) Com 18 anos me revoltei com tudo...

(xvi) Eu tento tirar esse ódio dele...

(xvii) ... ele não esquece [o ódio].

(xviii) Todo mundo vê a menina que se prostituiu...

(xix) ... ninguém vê a menina que teve que sobreviver...

(xx) ... ninguém tenta olhar o porquê estou vivendo isso hoje.

(xxi) ... sinto alívio.

Fonte: elaborado pela autora

Em relação às experiências do dizer, foram identificados 26 Processos Verbais. Ao representar falas de agressores, a violência psicológica torna-se menos sutil, abrangendo ameaças, como em (xii), “ir junto com eles [os agressores] ou matariam meu filho”, violência racial, em (xvi), “roubar é coisa de preto”, discriminação, em (vi) “você não se encaixa no nosso perfil”, etc.

As falas do filho representadas pela vítima, demonstram uma infância destruída pela violência e uma continuidade do ciclo, em (xx), “quando crescer vou matar meu pai”, por exemplo.

Tabela 27 – Representação dos dizeres – Processos Verbais

Vítima	Agressores	Filho	Outros
--------	------------	-------	--------

(i) Vou te contar a primeira vez.

(ii) Ele botou na minha cabeça que

quem malhava era
puta...

(iii) Ele botou na
minha cabeça que
pra ficar segura eu
tinha que me trancar
em casa...

(iv) Me perdoa se eu
me emocionar...

(v) Ele botava na
minha cabeça que
minha barriga era
enorme...

(vi) O senhor falou
“você não se
encaixa...”

(vii) pediu de um
jeito que não tinha
como recusar

(viii) Nunca
denunciei nada...

(ix) ...disse “é só pro
meu marido”.

(x) ...eu não pedi pra
mim...

(xi) O pai do meu
filho disse “esse mês
eu pago o aluguel, no
próximo mês você se
vira”.

(xii) ... dizendo para
eu ir junto com eles
[agressores
desconhecidos], ou
matariam meu filho.

(xiv) [ele disse]
 “Olha, uma negra
 alimentando uma
 criança branca”.

(xiii) Dizem que sou
 racista...

(xv) a sogra acusava

(xvi) dizendo que
 roubar é coisa de
 preto.

(xvii) [a sogra] dizia
 que se nascesse
 preto, ela ia dar um
 caminhão de banana.

(xviii) [a sogra] dizia
 que o filho dela
 merecia coisa
 melhor.

(xix) [a sogra] Ela
dizia que lugar de
 mulher negra era
 atrás do fogão e não
 querendo fisgar
 homem claro, que se
 eu não alisasse meu
 cabelo, nunca
 conseguiria emprego
 em lugar nenhum.

(xx) sempre diz
 “quando crescer, vou
 matar meu pai”.

(xxi) Pergunta se
 falta muito para ser
 adulto.

(xxii) Ele diz “vou
 crescer, vou comprar

uma arma e vou matar ele”.

(xxiii) Estou contando tudo isso com uma lágrima na pontinha do olho.

(xxiv) As pessoas dizem para esquecer o passado...

(xxv) ... ninguém fala sobre o que fizeram com ela no passado [a menina preta que abriu as pernas]

(xxvi) foi bom falar sobre isso.

Fonte: elaborado pela autora

Por fim, identificaram-se dois Processos Comportamentais. Em (i) o agressor é representado por Encobrimento. Em (ii), a vítima representa a si mesma por Ativação diante da violência psicológica e sexual, ainda que estes tenham sido excluídas por Supressão.

(i) ... me abraçou... [o agressor]

(ii) Todas as noites quando a boate fechava eu caia no choro...

5. DISCUSSÃO

A análise dos discursos de mulheres vítimas, sobre a violência psicológica, permitiu a observação de categorias gramaticais instanciadas de forma relativamente padronizada, na maioria dos dados, tanto no sistema de transitividade, quanto na representação de atores sociais. Todavia, ressalta-se a importância de que cada depoimento e/ou relato precisou ser analisado minuciosamente, pois as escolhas léxico-gramaticais atreladas às intenções e ao contexto de

situação são mais determinantes para a construção de significados do que se nos basearmos em uma estrutura linguística rígida.

A análise do sistema de transitividade nos relatos de potenciais vítimas de violência psicológica evidenciou categorias da léxico-gramática que encobrem a agência dos agressores e geram dúvidas na própria vítima a respeito dos significados experienciais. Exemplo disso são as estruturas Causativas, cujo agressor é representado como participante Agente Iniciador, fazendo com que a vítima se engaje em um processos que prejudicam a si mesma, como nos exemplos que seguem:

I - *Depois de um tempo **ele começou a mandar** que eu me batesse em frente às câmeras, assistisse filmes pornô e introduzisse objetos dentro de mim, qualquer coisa que tivesse o formato de um pênis.* (Ao interagir no ciberespaço)

II – *Me **obrigou** a transar com ele, enquanto se comportava de forma infantil.* (Ao frequentar a escola)

III – *Me **induziu** a parar de trabalhar.* (Ao maternar)

IV – *... ele não me obrigou [a abortar], mas me **pediu de um jeito que eu não pude recusar.*** (Ao existir)

Ainda na análise da transitividade, observou-se um padrão de representação de figuras femininas enquanto Circunstância em Processos Mentais Cognitivos, que indicam uma tomada de consciência por parte das mulheres vítimas, e levando-as à quebra do ciclo de violência:

V - *... **por minhas filhas** resolvi lutar.* (Ao maternar)

VI – ***Depois de conversar com uma amiga,** entendi que ele era completamente psicopata.* (Ao frequentar a escola)

VII – *... **eu vi no rosto da minha irmã** o ponto de interrogação...* (Ao participar de ciclos sociais)

Já na análise da representação de atores sociais, observou-se um padrão de autorrepresentação por Personalização e Diferenciação que parte, na maioria das vezes, de Processos Verbais instanciados pelos agressores e, por fim, relatados pelas vítimas. Nestas ocorrências, o agressor ataca a percepção que a vítima possui sobre si mesma, e o representa como o único ser capaz de amá-la, suportá-la, etc. A elas, não restaria opção a não ser permanecer em condição de submissão, pois não são merecedoras de homens diferenciados e únicos como eles, enquanto, ironicamente, todos se demonstram iguais. Os dados abaixo exemplificam a problemática:

VIII - *...**se nos separássemos eu estaria sozinha, que ninguém ia me querer.*** (Ao participar de ciclos sociais)

IX - *Ele sempre disse que era o único que me amaria, que cuidaria de mim, que me aguentaria* (Ao interagir no ciberespaço)

X- *Ele começou a falar que eu não encontraria ninguém como ele*. (Ao se casar)

A análise da representação dos atores sociais evidenciou que a Exclusão ou o Encobertamento da agência do agressor pode transferir para a vítima uma ressignificação de suas próprias experiências a partir da lente do agressor, e imputar a ela a Ativação em processos de autoagressão, como nos exemplos que seguem:

XI – *Eu criei preconceito com meu próprio cabelo*. (Ao existir)

XII – *Eu tenho pavor de gente gorda*. (Ao existir)

XIII – *Eu tenho obsessão por beleza*. (Ao existir)

Embora os perfis das sete participantes não tenham sido descritos detalhadamente por uma questão de proteção às suas identidades, os relatos revelam aspectos socioculturais que demonstram diferentes contextos de situação e as formas do patriarcado enquanto um sistema que se manifesta dispersa e inconscientemente nas práticas sociais.

Vale ressaltar que a violência psicológica precede a violência física e a violência sexual. Dito isso, observou-se que os relatos analisados se desdobram em contextos sociais e privados. Embora constatada a interdependência dos seis mecanismos do patriarcado, foi possível identificá-los representados nos discursos das participantes do estudo. A tabela abaixo reúne alguns exemplos.

Tabela 27 – Representações do patriarcado nos discursos das potenciais vítimas

Relações patriarcais no Estado	“[...]e havia também uma relação de poder por ele ser meu professor.” (Ao frequentar a escola)
Relações patriarcais de sexualidade	“... ele me ‘ensinou’ a fazer sexo virtual. Muitas vezes me obrigava a fazer isso, dizia que se a gente não fizesse, ele iria transar com outra garota da cidade dele, que se eu estivesse sem vontade era porque estava ‘dando’ para outro.” (Ao interagir no ciberespaço)
Relações patriarcais na cultura	“Quando tinha possibilidades de fazer alguma coisa em que precisava ir à frente na Igreja, ele criava situações em que a família devia ser priorizada e eu tinha que abri mão

	e ele lembrava que eu era dona de casa e mãe de família e deveria priorizar a família.” (Ao se casar)
Violência masculina	“eles apagavam cigarro na minha vagina, me davam choque na vagina, eles me batiam muito, meu bebê ficou impressionado e tentou me ajudar, um dos rapazes bateu nele e jogou ele longe, ele ficou paralisado.” (Ao existir)
Modo de produção patriarcal	“Um dia eu me irritei e coloquei ele para fora. Ele deixou eu e meu filho sem água e sem comida por alguns dias, por conta disso. Ficamos uma semana sem comer e sem beber água.” (Ao existir)
Relações patriarcais de trabalho remunerado	“[isso aconteceu] Por ser mulher e estar ganhando muita visibilidade com o meu trabalho. Isso jamais aconteceria se eu fosse homem.” (Ao trabalhar)

Fonte: elaborado pela autora

A representação discursiva do patriarcado, enquanto prática social em depoimentos de mulheres vítimas de violência, deve ser observada, a fim de evitar que instituições de segurança e justiça, envolvidas em processos de judicialização da violência psicológica, acabem por legitimar a dominação coletiva das mulheres, justificando agressões em nome da tradição.

Embora a estrutura patriarcal esteja dispersa na sociedade e seja instanciada nas práticas sociais inconscientemente, a análise linguística apontou intencionalidades nas práticas discursivas em contextos de situação específicos, como os relatos apresentados neste trabalho. Resta, por fim, responder às questões que motivaram este estudo: Como a violência psicológica é materializada pela linguagem? É possível preencher essa lacuna da prova criminal?

Ao prestar um depoimento, a mulher vítima de violência já se encontra em situação de vulnerabilidade, esse contexto de situação pode ser hostil ou acolhedor, e é fator determinante para a recontextualização da violência psicológica. A análise linguística embasada na Teoria Sistêmico-Funcional tem o potencial de explicar a construção de significados ideacionais e interpessoais, de organizar o fluxo de informação, de rastrear a Exclusão ou o Encobrimento de atores envolvidos nas práticas representadas por meio da linguagem.

O depoimento da mulher não deve ser desconsiderado ou desqualificado enquanto prova criminal, muito pelo contrário, o ponto de partida para a produção probatória é a análise linguística em contraste com a versão do agressor, e, orientada pelos resultados, recorrerá ou não a outros critérios, como laudos médicos e psicológicos, além dos relatos de testemunhas.

Por fim, a recontextualização ou a coleta de depoimentos acerca do crime de violência psicológica contra mulher requer um olhar especialista, que seja sensível às várias camadas do discurso, atravessando o texto, o contexto de situação e o contexto de cultura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar como a violência psicológica é materializada no discurso de mulheres vítimas a partir da representação dos atores sociais “vítima” e “agressor”, em relatos reais.

Os resultados apontaram categorias léxico-gramaticais da transitividade que são instanciados de forma relativamente padronizada na maioria dos relatos analisados, e provocam efeitos semânticos que deslocam a agência dos atores sociais, como é o caso do Agente Iniciador, em Processos Materiais. Além disso, observou-se a presença de mulheres constituindo as Circunstâncias em Processos Mentais Cognitivos, em que as vítimas tomam consciência da violência à qual estão submetidas.

A análise da representação dos atores sociais concluiu que, na maioria dos relatos, há uma autorrepresentação por Personalização e Diferenciação que parte, na maioria das vezes, de Processos Verbais instanciados pelos agressores e, por fim, relatados pelas vítimas. Nessas ocorrências, o agressor ataca a percepção que a vítima possui sobre si mesma, e o representa como o único indivíduo capaz de ter uma relação afetiva com ela. Além disso, a Exclusão ou o Encobertamento da agência do agressor, pode transferir para a vítima uma ressignificação de suas próprias experiências a partir da lente do agressor, e imputar a ela a Ativação em processos de autoagressão, isentando-o de culpa em uma leitura superficial.

Entre as limitações que este estudo possui, a principal delas se constitui na ausência das versões dos supostos agressores para análise contrastiva. Houve dificuldade para acompanhar as voluntárias durante a elaboração dos relatos escritos, caso houvesse uma interação direta, outras perguntas poderiam direcionar as respostas para questões que possam ter ficado em aberto. Já nos depoimentos por mensagem de áudio, a dificuldade se deu por não ter uma percepção real sobre o estado emocional das voluntárias ao responder perguntas, em decorrência da distância, então a fim de preservá-las, alguns assuntos não foram aprofundados.

A análise linguística se mostrou um instrumento com potencial para a investigação da construção de significados ideacionais e interpessoais, para organizar o fluxo de informação e acontecimentos, rastrear a Exclusão ou o Encobrimento de atores envolvidos nas práticas sociais representadas por meio da linguagem. Foi possível perceber evidências de crime premeditado, como se houvesse, inclusive, um roteiro a ser seguido, antecipando eventuais reações das vítimas. A legislação é clara, e os crimes de violência psicológica não constituem mero acaso irrefletido que provocam, culposamente, um impacto sobre vítimas, mas uma prática social dolosa que deve ser julgada e punida, em defesa da vida das mulheres.

Destaco o papel do linguista forense como fundamental para a retextualização, ou coleta de depoimentos, no acolhimento de mulheres vítimas de violência, junto a um serviço especializado de psicologia, e durante o processo de investigação. Ninguém ousa duvidar de um assassinato diante de um cadáver, mas em um contexto de cultura onde o feminicídio provoca mais mortes do que as guerras, a dúvida que paira sobre a veracidade da violência psicológica contra mulheres, continuará em aberto se não se buscar no método científico a respectiva resposta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 14.188 de 28 de julho de 2021. Define o programa de cooperação Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica como uma das medidas de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher previstas na Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), e no Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), em todo o território nacional; e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal). Brasil: Congresso Nacional, 2021. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114188.htm>. Acesso em 25 set.de 2021.

CUNHA, Maria Angélica. F. & Maria Medianeira SOUZA. 2007. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna.

DRUMMOND, P E BERGAMINI, C.C. **VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA TEM DIFÍCIL DIAGNÓSTICO E CAUSA DANOS GRAVES; COM CIÊNCIA**, 09, OUTUBRO DE 2017; DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.COMCIENCIA.BR/VIOLENCIA-PSICOLOGICA-CAUSA-DANOS-GRAVES-AINDA-POUCO-ESTUDADOS/](https://www.comciencia.br/violencia-psicologica-causa-danos-graves-ainda-pouco-estudados/)> ACESSO EM: 04/10/2021

ECHEVERRIA, G. B. (2018). **A Violência Psicológica Contra a Mulher: Reconhecimento e Visibilidade**. Cadernos De Gênero E Diversidade, 4(1), 131–145. <https://doi.org/10.9771/cgd.v4i1.25651>

FUZER, C. e CABRAL, S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional e língua portuguesa**. 1ed. Campinas, SP. Mercado das Letras: 2014.

GOMES, R., MINAYO, C.S., e SILVA, C.F.R. “**Violência contra a mulher, uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero**”. In.: Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde. Brasília, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. 2 ed. London: Arnold, 1994

HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to functional grammar**. 4th edition. New York: Routledge, 2014.

HEBERLE, M. V. “**Apontamentos sobre linguística sistêmico-funcional**” D.E.L.T.A., 34.1, 2018 (81-112).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 [1936]

MARTINS, J., LAGRECA, A. e BUENO, S. “Feminicídios caem, mas outras formas de violência contra meninas e mulheres crescem em 2021”, In.: **Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022**. Fórum de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/10-anuario-2022-feminicidios->

caem-mas-outras-formas-de-violencia-contra-meninas-e-mulheres-crescem-em-2021.pdf
Acesso em 06/07/2023.

MARTIN, J. R. & ROSE, D. **Working with Discourse: meaning beyond the clause**. London and New York: Continuum, 2007

OSAIKI, G.E.I. “**Lei nº 14.188/2021: a criminalização da violência psicológica contra a mulher e a produção probatória**”. ETIC, (Encontro de Iniciação Científica) Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente - v. 17, n. 17 (2021). Disponível em:
<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/9105/67650788#> Acesso em: 06/07/2023.

PACHÁ, P., & MOREIRA, L. V. de C. . **Entrevista narrativa como técnica de pesquisa**. Synesis (ISSN 1984-6754). 2022. 14(1), 157–168. Recuperado de <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2127>

PATEMAN, Carole. **Críticas feministas à dicotomia público/privado**. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Teoria política feminista: textos centrais*. Vinhedo: Horizonte, 2013. p. 55-80.

REZENDE, D.L. “**Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda**”. Pensamento Plural. Pelotas [17]: 07 – 27, julho-dezembro 2015.

SILVEIRA, D.T e CÓRDOVA, F.P. “**A pesquisa científica**”. In.: *Métodos de pesquisa*. Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (ORG.); coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

SOMAVILLA FARENCENA, G. **Artigo de opinião como macrogênero: relações lógico-semânticas na perspectiva sistêmico-funcional**. 2016. Santa Maria.

VAN LEEUWEN, T. “**Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis**”. New York: Oxford University Press, 2008.

VIANNA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974 [1928]. v. 1.

APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA MULHER: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO FUNCIONAL", de responsabilidade de Mirna Cibelle Barcelos de Aguiar, estudante de mestrado, da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é compreender as dificuldades que as mulheres enfrentam para relatar e denunciar episódios de violência. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, áudios, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de aplicação de questionário e entrevista narrativa. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

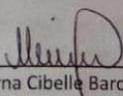
Espera-se com esta pesquisa auxiliar mulheres e profissionais que lidam com a violência psicológica, desde o ato da denúncia às últimas etapas da judicialização a identificar, interpretar e retextualizar depoimentos sem causar prejuízos ou ainda mais danos para a vítima.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 9 9283 5310 ou pelo e-mail: mirna.barcelosa@gmail.com. Você poderá solicitar uma via deste documento a qualquer momento, por meio destes mesmos dados.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de dissertação de mestrado, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.



Mirna Cibelle Barcelos de Aguiar

Brasília, 01 de 02 de 2022

APÊNDICE B — PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A LINGUAGEM DA VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA MULHER

Pesquisador: MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55541822.9.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.328.124

Apresentação do Projeto:

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado n. 5.263.346 emitido pelo CEP/CHS no dia 24 de fevereiro de 2022.

Objetivo da Pesquisa:

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado n. 5.263.346 emitido pelo CEP/CHS no dia 24 de fevereiro de 2022.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inalterado em relação ao parecer consubstanciado n. 5.263.346 emitido pelo CEP/CHS no dia 24 de fevereiro de 2022.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

No parecer consubstanciado n. 5.263.346 emitido pelo CEP/CHS no dia 24 de fevereiro de 2022, foram levantados pendências esclarecidas pela pesquisadora.

- TCLE apresentado orientações da pesquisa no ambiente virtual

- Inclusão dos instrumentos de coleta de dados das etapas da pesquisa, com as respectivas questões de um formulário (google forms) e da entrevista narrativa (oral ou escrita, por meio de whatsapp).

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 5.328.124

•Apresentou a folha de rosto assinada pelo representante da instituição na qual se insere a pós-graduação da pesquisadora

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

No parecer consubstanciado n. 5.263.346 emitido pelo CEP/CHS no dia 24 de fevereiro de 2022 a pesquisadora incluiu novos documentos.

- Folha de rosto assinada pelo coordenador do PPGL/UnB
- TCLE orientado a etapa on-line
- Instrumento de coleta com as questões que utilizará nas etapas da pesquisa de campo

Recomendações:

A pesquisadora apresentou documentos das pendências levantadas no parecer consubstanciado n. 5.263.346 emitido pelo CEP/CHS no dia 24 de fevereiro de 2022, foram levantados pendências esclarecidas pela pesquisadora.

Portanto o projeto de pesquisa amolda-se às exigências das Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e complementares, como a circular N. 02 de 24 de fevereiro 2021.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendência

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1891787.pdf	15/03/2022 13:33:44		Aceito
Outros	okcarta.pdf	15/03/2022 13:32:59	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Outros	Instrumentodecoleta.pdf	15/03/2022 13:32:24	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 5.328.124

Outros	Instrumentodecoleta.pdf	15/03/2022 13:32:24	AGUIAR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	oktcle.pdf	15/03/2022 13:29:46	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Folha de Rosto	okfolhaderosto.pdf	15/03/2022 13:29:11	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Outros	Conviteparaparticiparpesquisa.pdf	02/02/2022 13:00:40	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Outros	cartadeencaminhamento.pdf	02/02/2022 12:59:47	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Outros	revisaoetica.pdf	02/02/2022 12:59:04	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Outros	Justificativaaceiteinstitucional.pdf	02/02/2022 12:58:28	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisa.pdf	02/02/2022 12:57:54	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Outros	Instrumentodecoletadedados.pdf	02/02/2022 12:57:34	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	02/02/2022 12:57:08	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Outros	curriculumirna.pdf	02/02/2022 12:56:54	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
Outros	curriculoedna.pdf	02/02/2022 12:56:30	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEi.pdf	02/02/2022 12:53:18	MIRNA CIBELLE BARCELOS DE AGUIAR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 5.328.124

BRASILIA, 03 de Abril de 2022

Assinado por:
ANDRE VON BORRIES LOPES
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

APÊNDICE C — QUESTIONÁRIO APLICADO VIA GOOGLE FORMS PARA SELEÇÃO DAS PARTICIPANTES DO ESTUDO E PERGUNTAS UTILIZADAS NA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Formulário:

- a) Qual a sua idade?
- b) Qual a sua cidade e estado?
- c) Qual é a sua escolaridade?
- d) Como você se identifica étnico/racialmente?
- e) Qual a sua profissão?
- f) Tem filhos? Se sim, quantos?
- g) Você está sofrendo ou já sofreu violência psicológica?
- h) Você está sofrendo ou já sofreu violência física e/ou sexual?
- i) Se você respondeu sim para pelo menos uma das duas últimas questões, já realizou algum tipo de denúncia? Se não, por quê?
- j) Você aceita participar desta pesquisa narrando sua experiência de violência psicológica, de forma oral ou escrita? Se sim, com qual dessas modalidades se sente mais segura e confortável?

Perguntas:

- 1) O que aconteceu?
- 2) Por que isso aconteceu?
- 3) Como você se sente?

ANEXOS

ANEXO A — RELATOS DE VIVÊNCIAS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

Ao interagir no ciberespaço

Eu tinha 15 anos e estava namorando pela primeira vez com um garoto que morava a 714 km de distância. Ele sempre foi muito violento e possessivo, dizia que era culpa da distância e que quando estivéssemos perto melhoraria, mas ele ficava pior a cada vez que nos víamos. Ele controlava meu peso, minhas roupas, minhas redes sociais, pra onde eu ia e com quem eu conversava.

Pelo fato de estarmos longe, ele me "ensinou" a fazer sexo virtual. Muitas vezes me obrigava a fazer isso, dizia que se a gente não fizesse, ele iria transar com outra garota da cidade dele, que se eu estivesse sem vontade era porque estava "dando" para outro. Depois de um tempo ele começou a mandar que eu me batesse em frente às câmeras, assistisse filmes pornô e introduzisse objetos dentro de mim, qualquer coisa que tivesse o formato de um pênis.

Ele sempre disse que era o único que me amaria, que cuidaria de mim, que me aguentaria e por isso eu tinha que fazer essas coisas e eu achava que fazia por amor, mas na verdade eu tinha medo dele, medo das ameaças, medo dele me bater quando a gente se encontrasse, medo da traição, do vazamento de fotos e vídeos íntimos.

Hoje eu ainda me culpo muito por ter deixado alguém de tão longe me controlar dessa maneira por tanto tempo, me culpo por não ter conseguido sair do relacionamento antes.

Ao trabalhar

O meu trabalho começou a ser boicotado e comecei a ser criticada constantemente, ora por homens, ora por mulheres. Em determinadas situações, eu enfrentava assédio público e muito intenso, por representar uma entidade de trabalhadores. Também espalharam mentiras a meu respeito, isso era a parte mais dolorida. Chegaram a levantar suspeitas sobre a minha fidelidade ao meu marido. Cheguei a ficar doente e ter que tomar remédios.

Por ser mulher e estar ganhando muita visibilidade. Isso jamais aconteceria se eu fosse homem. Pelo contrário, seria exaltado por essa atuação profissional... Eu trabalhava 12 horas/dia e buscava me qualificar o tempo todo, enquanto os que me criticavam não trabalhavam nem a metade disso e pouco sabiam sobre o assunto que abordavam.

Feliz pelo meu trabalho que foi parcialmente reconhecido. Feliz por mim, pela minha perseverança, obstinação, motivo pelo qual sou respeitada entre meus pares. Mas sinto raiva quando relembro disso. Pois a dedicação e qualificação profissional deveria ser motivo de elogio e reconhecimento e não ser motivo de violência. Desprezo essas pessoas. Simplesmente, afastei do meu convívio... Obviamente, deixou marcas, mais ainda por ser mulher...

Ao frequentar a escola

Eu fui vítima de um ex-professor, pedófilo. Eu tinha 13 anos e ele 29. Minha família era contra, mas eu sempre dava um jeito de fugir para ver ele. Até que fui expulsa de casa pelo meu tio, aos 13 anos. Então fui procurar refúgio com esse cara, o ex-professor pedófilo. Ele se dizia médium, e as vezes incorporava entidades para conversar comigo. Nunca tive religião, mas eu acreditava no que vivia com ele, afinal de contas minha família já tinha virado as costas para mim, justamente por eu ter sido vítima, seduzida por um pedófilo.

Em algumas ocasiões ele dizia que tal entidade estava me observando, e que contaria para ele sobre qualquer deslize que eu cometesse, no sentido de traí-lo. Ele utilizava isso para me manipular e com medo dele e das entidades, eu nunca conseguia mentir, mesmo se quisesse ou precisasse. Até que uma vez ele havia “incorporado” uma dessas entidades e narrou uma situação de violência, como se a entidade tivesse utilizado o corpo dele para praticar o estupro contra outra aluna. Ele não utilizou a palavra “estupro”, mas disse que sem consentimento, penetrou com os dedos uma aluna que ele não gostava por ser negra. Ele parecia se divertir com isso e o fez por vingança, já que não gostava dela por ser negra. Eu suspeitava dele, mas na minha cabeça de 13 anos de idade, não podia ser ele, era uma entidade, ou um demônio, ou sei lá.

Depois de conversar com uma amiga entendi que ele era completamente psicopata. Enquanto tínhamos uma relação, ele engravidou outra aluna, as vítimas eram sempre as alunas, sempre muito mais novas do que ele. Acho que isso aconteceu porque eu era muito nova, sem proteção familiar, o que me deixou ainda mais vulnerável. E havia também uma relação de poder por ele ser meu professor. Usava a minha fé, me fazia ouvir todas as histórias de estupro que ele praticava, enquanto eu mesma me via obrigada a praticar o que as entidades queriam, como me deixar ser filmada em posições sexuais. Uma vez ele fingiu ter incorporado o espírito de uma criança, e me obrigou a transar com ele, enquanto se comportava de forma infantil.

Hoje sinto vergonha e ninguém sabe o que vivi além da minha melhor amiga. Hoje tenho 32 anos e tenho medo de encontrar ele pela rua. Consegui sair desse ciclo após ele engravidar

uma menina, então ele deixou de ser obcecado por mim e assumiu um relacionamento com ela. Fui morar com a minha avó e hoje tenho consciência do risco de vida que eu e outras colegas passamos na mão dele, ele realmente tinha uma mente doentia.

Ao participar de ciclos sociais

Fiquei noiva de um rapaz que sempre dizia que eu não era capaz de nada na vida sem ele, que se nos separássemos eu estaria sozinha, que ninguém ia me querer, que na época eu era magra demais. Continuei com ele até que um fim de semana fui em um show de rap com ele, minha irmã e uma amiga dela, lá encontramos vários amigos dele e ele foi ao banheiro e pediu pra que os amigos ficassem me vigiando e não deixasse ninguém se aproximar, eu vi no rosto da minha irmã o ponto de interrogação olhando pra mim, eu abaixei a cabeça e fiquei pensando nisso o resto da noite. Chegando em casa eu disse a mim que eu não era propriedade de ninguém a não ser minha. Encontrei com ele no dia seguinte e terminei, descobri que sim que encontraria uma pessoa que amaria de verdade da forma que eu era e estou casada com essa pessoa a 15 anos.

Ao maternar

Tive um relacionamento de 12 anos onde como a maioria no início era maravilhoso. Depois de 7 anos juntos tivemos uma filha e aí começou os abusos. Ele controlava minha vida em tudo. Me induziu a parar de trabalhar e foi a pior coisa que fiz. Ele controlava a hora que eu tinha que dormir e acordar. Sempre me vigiava em reuniões entre amigos ou familiares sobre o que eu conversava. Quando tinha festas dos MEUS amigos e familiares ele inventava compromisso no mesmo dia ou simplesmente aparecia algum amigo dele na nossa casa para visita. Todas as vezes que eu ia na casa de alguém, até mesmo da minha mãe, não dava meia hora ele já ficava me ligando perguntando se eu ia demorar. Tirava minha autoridade sobre a minha filha. Fora as humilhações na frente das pessoas. Não me deixava ser vaidosa. Só que depois que eu consegui me separar, eu fui fazendo uma anamnese sobre esse relacionamento e vi que ele sempre foi abusivo. Desde o início, só que era sutil. Hoje sofro com estresse pós-traumático, principalmente por ter entendido que quando ele me obrigava a manter relações sexuais com ele era estupro. Cheguei a pensar em suicídio porque eu não via outra forma de me separar dele, mas por minhas filhas resolvi lutar. Mesmo depois de separada sofri uma agressão na frente da nossa filha e desde então mantenho contato zero. Mas infelizmente ele usa a filha

para se fazer presente e me atacar. E ela só tem 11 anos. Tem mais coisas que posso não estar lembrando agora, mas é um fantasma que me persegue por 6 anos já.

Ao se casar

O contexto em que vivi, foi um casamento de 15 anos. Em que não era para eu trabalhar e nem fazer nada que chamasse a atenção sobre mim. Em diversas ocasiões em que eu queria trabalhar, ouvia mil e uma dificuldades p impedir que eu saísse. Eu ouvia: você não vai conseguir, não vai dar conta.

Fazíamos parte de uma comunidade religiosa em que eu tinha cargo como professora de crianças e fazia parte de equipes diversas na igreja. Eu não podia falar com as pessoas, nem sorrir pois ouvia “precisa dessa alegria toda?”. Quando tinha possibilidades de fazer alguma coisa em que precisava ir à frente na Igreja, ele criava situações em que a família devia ser priorizada e eu tinha que abrir mão e ele lembrava que eu era dona de casa e mãe de família e deveria priorizar a família.

Entre trancos e barrancos passei no vestibular para o curso de Letras. Não recebi parabéns pela aprovação. Conclui a faculdade sem liberdade de participar de trabalhos de grupo fora da faculdade. Sem participar dos movimentos culturais como gostaria. Comecei a trabalhar numa grande empresa e a carga de trabalho em casa era terrível, pois ele exigia muito. Cada promoção no trabalho era confrontada com situações de dificuldade em casa, do tipo " adianta ser tão boa no trabalho e em casa ser uma péssima dona de casa?"

Ele fazia comentários sobre minhas roupas, e se fosse vermelha era roupa de puta. Eu era obrigada a usar roupas folgadas, pois se mostrasse meu corpo, ele perguntava para quem eu queria me amostrar. Quando eu saía evitava olhar as pessoas, evitava olhar em minha volta. Eu era vigiada o tempo inteiro. Quando conversava com alguém, não podia demonstrar conhecimento, pois em casa eu receberia recriminação dele dizendo que eu queria me amostrar, aparecer, eu queria ser melhor que os outros. Eu não sabia o que queria naquele momento da vida. Sabia apenas que não queria continuar.

Quando comecei nessa grande empresa era estagiária. Quando terminei a faculdade fui contratada e recebi a proposta de trabalhar em outra cidade por 45 dias. Aceitei e somente informei a minha decisão. Chutei o balde e ele percebeu que eu já não era a mesma. Ele começou a falar que eu não encontraria ninguém como ele.

Ele era grosseiro, machista e inseguro e tinha dificuldades diversas. O fato de ter uma esposa que fazia faculdade, trabalhava e se destacava incomodava ele muito. A forma que ele

tinha era tentar minar minhas bases, atacando minha autoestima, a imagem que eu tinha de mim mesma. Naquele momento eu me sentia mal, pois ele atribuía culpa de coisas que eu não tinha feito. Eu me adequava para evitar constrangimentos, pois ele tentava me humilhar em público. Era a forma que ele tinha de se sentir por cima.

Ha 20 anos encerrei esse relacionamento de 15 anos. Eu não sabia o que queria naquele momento, sabia que não queria continuar casada com ele. Pouco tempo depois o casamento terminou.

Ao existir

Todo mundo que eu me envolvi já me trouxe um trauma psicológico. Vou te contar a primeira vez. Eu tinha 16 anos e já era mãe, por opção minha. Morava com o pai do meu filho mais velho, no começo eu achava que era só ciúmes, sabe? Mas ele não deixava eu trabalhar, eu não fazia cabelo, eu não fazia unha, eu não comprava roupas novas porque ele não deixava. Eu era doida para entrar na academia porque eu sempre fui magrinha e eu queria criar corpo, porque para mim meu corpo era muito seco, mas ele botou na minha cabeça que quem malhava era puta, e que eu não era puta.

Ele botou na minha cabeça que pra eu ficar segura eu tinha que me trancar toda, então eu não abria as janelas de casa e nem porta pra entrar ar. Quando era para comprar roupa, ele que comprava roupas no brechó para mim, umas roupas bem antigas de velha. E me perdoa se eu me emocionar, porque é muito forte contar essas coisas.

Hoje eu tenho preconceito com gente barriguda porque eu era magrinha, magrinha, se eu mostrar uma foto você vai ver que eu era magrinha. Tinha acabado de ganhar nenê e fiquei enxadinha, ele botava na minha cabeça que a minha barriga era enorme, que eu era ridícula, que se eu separasse dele ninguém ia me querer, que meu cabelo era feio que não tinha por que fazer nada no cabelo, que meu cabelo tinha que ficar do jeito que estava. Enfim, isso tudo eu desenvolvi, eu não sei o nome da doença, eu tenho obsessão por beleza, eu tenho pavor de gente gorda, eu sou gordofóbica.

Eu criei um preconceito com meu próprio cabelo. Se eu não tiver com cabelo feito, com mega hair, eu não saio de casa. Pode parecer bobagem, mas é um trauma que eu desenvolvi. Eu passei em uma prova na IBEST, é uma escola especialista em logística aqui em Madureira mesmo, e eu só quis entrar por passar na prova, e eu não consegui ficar porque o meu cabelo era crespo e todas as meninas tinham o cabelo liso, e o senhor falou pra mim “você não se

encaixa no nosso perfil”, voltei pra casa arrasada, e ele começou a colocar mega hair em mim direto, e então eu não consigo me enxergar eu mesma de black.

Hoje eu sou depressiva, tenho crise de ansiedade, não tenho noites de sono tranquilas, pois eu tento me culpar pelas coisas que ele fez comigo, tipo me pedindo pra abortar na segunda gravidez, ele não me obrigou, mas pediu de um jeito que eu não tinha como recusar. Eu nunca denunciei nada.

Um dia eu me irritei e coloquei ele para fora. Ele deixou eu e meu filho sem água e sem comida por alguns dias, por conta disso. Ficamos uma semana sem comer e sem beber água. Fui atrás das amigadas que eu achava que eu tinha, que comiam da minha comida, ela tampou uma panela enorme de comida e disse “é só pro meu marido”. Eu não pedi para mim, eu pedi só para meu filho. O pai do meu filho disse “esse mês eu pago o aluguel, no próximo mês você se vira”. Eu não tinha água para dar banho no meu filho. Ele só tinha um ano.

Um dia eu fui atrás de comida para o meu filho na casa de uma amiga que não estava em casa, cansada de esperar eu resolvi ir embora a noite, nessa ocasião três caras começaram a me seguir e me abordaram com faca, dizendo para ir junto com eles, ou matariam meu filho. Todas as barbaridades que você possa imaginar eu passei naquele dia, eles apagavam cigarro na minha vagina, me davam choque na vagina, eles me batiam muito, meu bebê ficou impressionado e tentou me ajudar, um dos rapazes bateu nele e jogou ele longe, ele ficou paralisado. Meu filho ficou um mês sem dizer uma palavra depois disso. No desespero eu liguei para pai do meu filho, por medo, e fui para casa dele, chagando lá ele me ouviu, me abraçou, e ele me obrigou a ter relação com ele, mesmo naquele estado, enquanto dizia que a culpa de ter sido estuprada era minha, por ter saído arrumada.

Hoje eu não sou gorda, eu tenho um corpo padrão que a sociedade almeja. Só que como eu perdi um bebê recentemente eu estou avantajada. Eu não consigo confiar totalmente nas pessoas pois sempre me decepçiono e retorno ao meu passado. Apesar de ser preta, eu só me relaciono com homens de pele clara, dizem que sou racista, mas é um trauma, todos os caras que me agrediram naquela noite eram pretos. Primeira coisa que o pai do meu filho disse quando ele nasceu foi “olha, uma negra alimentando uma criança branca”, minha sogra, quando as coisas sumiam na casa, me acusava, dizendo que roubar é coisa de preto. Quando ela via meu filho na rua, ela dava uma banana para ele, e na gravidez já dizia que se nascesse preto, ela ia dar um caminhão de banana. Dizia que o filho dela merecia coisa melhor. Ela dizia que lugar de mulher negra era atrás do fogão e não querendo fisgar homem claro, que se eu não alisasse meu cabelo, nunca conseguiria emprego em lugar nenhum. Com 18 anos me revoltei com tudo,

chutei o balde e entrei em um puteiro, não era porque queria fazer dinheiro, era porque queria morrer.

Todas as noites quando a boate fechava eu caia no choro e aquilo me machucava muito. Meu filho sempre diz “quando crescer eu vou matar meu pai”, e todo aniversário ele pergunta se falta muito para ser adulto. Ele diz “vou crescer, vou comprar uma arma e vou matar ele”. Eu tento tirar esse ódio dele, mas ele não esquece. Estou contando tudo isso com uma lagrima na pontinha do olho. O que eu fiz para merecer que 3 homens me estuprassem? É muito pesado. As pessoas dizem para esquecer o passado, mas a gente vive em uma sociedade onde uma mulher preta e pobre conquista as coisas, é porque ela abriu as pernas, mas ninguém fala sobre o que fizeram com ela no passado. Todo mundo vê a menina que se prostituiu, mas ninguém vê a menina que teve que sobreviver e hoje não tem uma casa para morar, um emprego, ninguém tenta olhar o porquê estou vivendo isso hoje. O crime psicológico afeta a vida inteira de uma mulher. Se eu dormir e a noite lembrar de algo do passado, no outro dia, meu dia inteiro estará acabado. Foi horroroso o meu passado, mas foi bom falar sobre tudo isso, sinto alívio.